



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Perceção dos Jovens Sobre as Pessoas Mais Velhas -
influência dos estereótipos nas relações intergeracionais

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em
Gerontologia Social Aplicada

Jennifer Pereira

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

OUTUBRO 2021



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Perceção dos Jovens Sobre as Pessoas Mais Velhas -
influência dos estereótipos nas relações intergeracionais

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em
Gerontologia Social Aplicada

Jennifer Pereira

Sob a Orientação do Prof.º Doutor António
Manuel Godinho da Fonseca

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor António Fonseca por toda a orientação que deu, por todo o acompanhamento e disponibilidade ao longo deste percurso.

À Dra. Sofia Medeiros, por toda paciência, acompanhamento, disponibilidade e força constante que deu em todos os momentos.

Aos meus avós, pela confiança e incentivo permanente, por estarem sempre presentes nas minhas vitórias e derrotas.

À minha irmã Carla, por tudo, mas principalmente pela capacidade que tem em conseguir suportar os meus dias menos bons.

Ao meu namorado pela amizade, companheirismo e apoio incondicional, mas principalmente pela força que me deu para não desistir e por acreditar sempre em mim. Foi tudo mais fácil contigo por perto.

Por fim agradeço a todas as pessoas próximas do meu ciclo de amizades e profissional por todo o carinho que tiveram para me ouvir e por toda a disponibilidade em me ajudar.

Resumo

No presente cenário da sociedade atual, o envelhecimento é um fenômeno crescente, tanto em dimensão como em anos de vida (Coelho, 2017). Este fenômeno não deveria, no entanto, ser ignorado apenas porque leva a ter sentimentos de angústia e de tristeza, associados a uma fase final de vida (Teixeira, et al., 2015). Neste sentido, o presente estudo de natureza qualitativa, tem como objetivo geral entender a percepção que os jovens têm sobre os mais velhos, avaliando a forma como os estereótipos interferem nas relações intergeracionais. A amostra deste estudo é constituída por 9 participantes, com idades entre os 15 e os 19 anos, e recorreu-se ao critério de saturação teórica para determinar o número de participantes. Os principais resultados evidenciaram que, na visão dos jovens, os mais velhos são pessoas que possuem capacidades de realizar as suas tarefas e são também pessoas com experiências e sabedoria adquiridas ao longo do percurso de vida. Esta visão positiva parece ter influência devido à convivência com os seus avós. Constatou-se ainda que apesar do desconhecimento do conceito de idadeísmo, existe um consenso entre os jovens que a separação das gerações é uma realidade, sendo a tecnologia apontada como principal causador deste afastamento. Deste forma, parece que os estereótipos que relacionam os mais velhos com as tecnologias influenciam a interação entre as gerações.

Palavras-chave

População idosa; Jovens; Intergeracionalidade; Estereótipos; Idadismo.

Abstract

In today's society, aging is a growing phenomenon both in dimension as well as in lifespan (Coelho, 2017). Such a phenomenon should not, however, be ignored just because it brings feelings of anguish and sadness, associated with the late phase of life (Teixeira, et al., 2015). Thus, the following study, qualitative in nature, has the general purpose of understanding what the perception of young people on the elderly is and evaluating how stereotypes interfere in intergenerational relationships. The sample of this study is composed by 9 participants, between the ages of 15 and 19 years old, employing the theoretical saturation method to determine the number of participants. The main results show that in younger generations perspective, the elderly are people who have the capacity to engage in everyday life activities but also with experience and wisdom acquired along their lifespan. This positive perception seems to be influenced by the sample group connection with their grandparents. It also becomes apparent that despite being unfamiliar with the concept of ageism, there is a consensus between young people that the separation between generations is a reality, technology being identified as the main cause for such division. Thus, it seems that stereotypes directed to the elderly in relation to technology influence the interaction between generations.

Keywords

Elderly Population; Youth; Intergenerational; Stereotypes; Ageism.

Índice

<i>Agradecimentos</i>	I
<i>Resumo</i>	II
<i>Abstrat</i>	III
INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	2
1. Uma visão sobre o envelhecimento.....	2
2. O significado das perceções.....	4
3. Origem das perceções nos jovens	5
4. O significado de estereótipo	7
5. O estereótipo de natureza coletiva: o idadismo	8
6. O estereótipo individual: mudança de personalidade.....	11
7. As relações intergeracionais	12
II. MÉTODO	15
1. Metodologia.....	15
1.1. Objetivo e Questões de Investigação	15
1.2 Participantes	15
1.3 Instrumento.....	16
2. Procedimentos	17
2.1. Procedimentos de recolha de dados	17
2.2. Procedimentos de tratamento e análise de dados.....	17
III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	19
IV. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	23
V. CONCLUSÃO E LIMITAÇÕES.....	33
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

Índice de anexos

Anexo 1: Quadro de objetivos e questões de investigação

Anexo 2: Guião de entrevista

Anexo 3: Consentimento informado

Anexo 4: Sistema de categorias

Anexo 5: Descrição geral de categorias

INTRODUÇÃO

O envelhecimento engloba fatores relacionados com a saúde física, com a saúde mental, com a família, com a vida diária, com a vida social e com a dependência económica, salientado a importância da satisfação das relações sociais por parte dos idosos, para que eles tenham uma boa qualidade de vida. (Dias, Carvalho, & Araújo, 2013). Chegamos a idades mais avançadas e importa ter presente que a população idosa não entra nesta etapa da vida inválida e sem valor. Como em todas as etapas da vida apresenta os seus problemas, as suas dificuldades, mas também as suas riquezas e mais-valias. Ouve-se falar muitas vezes do envelhecimento em vários aspetos do quotidiano. No entanto, quando se ouve falar de envelhecimento, o tema é falado na sua maioria com uma conotação negativa. É visto muitas vezes como um problema. Desta forma o idoso carrega consigo estigmas e mitos injustos, que levam a criar barreiras onde, a velhice é um período menos satisfatório e que irá interferir na forma como os próprios idosos vivem a experiência de envelhecer (Teixeira, et al, 2015).

O presente trabalho, de cariz qualitativo, tem como objetivos entender a perceção que os jovens têm sobre os mais velhos e de que forma os estereótipos de cariz idadista interferem nas relações que os mais jovens têm com os idosos.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O presente enquadramento constitui a base teórica da presente dissertação de mestrado e está dividido em cinco capítulos. Para iniciar realizamos uma exploração de alguns conceitos sobre envelhecimento: *uma visão sobre o envelhecimento*. Optamos por ‘abrir caminho’ com este capítulo, pois é a área geral na qual todo o trabalho se desenvolve. Nos capítulos seguintes abordamos temas mais focados no campo de estudo da dissertação de mestrado: o segundo capítulo explora *o significado das percepções*, o terceiro capítulo debruça-se sobre *a origem das percepções nos jovens*. O quarto capítulo especifica *o conceito de estereótipo*, dividindo-se em dois subtemas para assim fazer a distinção entre o estereótipo de natureza coletiva (o idadismo) e o estereótipo individual (mudança de personalidade). Para fechar o enquadramento teórico, aprofundamos a importância *das relações intergeracionais*.

1. Uma visão sobre o envelhecimento

Vivemos numa sociedade onde a população idosa tem vindo a apresentar um crescimento exponencial. Vivemos mais anos. É uma conquista. Existe, porém, a ideia de que a velhice é uma fase da vida distante das outras (Villas-Boas, et al., 2017). Devemos reforçar que, não é pelo facto de a pessoa estar na fase da velhice que deixa de ter capacidades e de conseguir cuidar e zelar pela sua própria vida (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016). Os idosos não são meramente “velhos”, com doenças e um peso para o setor social e económico dos países. As pessoas mais velhas são seres humanos com direito à participação e à visibilidade (APAV, 2020).

Importa referir também que existem inúmeros modos de envelhecer, pelo que cada indivíduo tem também responsabilidade na forma como vai envelhecendo (Santos, 2013). Essa responsabilidade não remete ao indivíduo apenas, e só quando já está na fase da velhice propriamente, mas sim a todo o seu ciclo de vida (Fonseca, 2016). Porém, é um facto que o envelhecimento das pessoas acarreta maior predisposição a patologias de diferentes naturezas, principalmente à medida que a idade vai avançando. Um corpo mais envelhecido, por norma, tem como consequências o surgimento de doenças e outras complicações (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016). A pessoa vai ficando mais frágil enquanto corpo físico. Esta ideia remete-nos para o envelhecimento biológico, o que leva à noção de que estilos de vida mais saudáveis tendem a aumentar a qualidade de vida à medida que vamos ficando mais velhos e que muitos dos atos e/ou estilos de vida que as

peças vão experienciando possam ter consequências (negativas ou positivas) quando se atinge a velhice (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016).

Portanto, o envelhecimento nem sempre é visto com “bons olhos” pela sociedade. Olha-se para os mais velhos como um “peso” e criam-se ideias negativas sobre as pessoas mais velhas (Ferreira-Alves & Novo, 2006). Ideias vindas dos próprios idosos e também dos adultos e dos jovens (Vieira & Pimentel, 2016). Podemos olhar para os idosos através de dois prismas. No primeiro, encara-se o envelhecimento como algo negativo e que traz apenas (e só) prejuízo para a sociedade. No segundo, encara-se o envelhecimento como algo que traz riqueza, novas oportunidades e novas aprendizagens (Rosa, 2012). Um aspecto negativo que facilmente se relaciona com o envelhecimento, é a doença/patologia, que em vigor, não deveria ser associado apenas à faixa etária dos idosos, uma vez que existem jovens que também podem vivenciar limitações e doenças irreversíveis (Aguiar et al., 2019). Ou seja, como afirmam Aguiar e colaboradores (2019), a “doença” não pertence só à faixa etária dos mais velhos e por isso não deveria ser um fator de exclusão, como forma de preconceito. Isto porque ser idoso não significa que a pessoa seja doente e, ao ter esta crença e este pensamento, podem ser criados obstáculos a esta faixa etária, além de potenciar o próprio preconceito (Aguiar, et al., 2019).

Importa também refletir que quando falamos de envelhecimento, segundo Rosa (2012), devemos ter em mente duas direções diferentes: o envelhecimento individual e o envelhecimento coletivo. Focando no envelhecimento individual, este separa-se em dois conceitos: o envelhecimento cronológico (que faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano) e o envelhecimento biopsicológico (vivido por cada indivíduo de forma diferente). Neste último o conceito de envelhecimento é visto como um acontecimento que depende de pessoa para pessoa. Depende da sua vivência, dos seus hábitos e estilos de vida, das suas condicionantes genéticas e também da própria sociedade a que o indivíduo pertence (Rosa, 2012).

Muito ligado a este conceito de envelhecimento individual está a “velhice”. Não se sabe quando esta “velhice” marca o seu começo, mas sabe-se que desencadeia valores diversos consoante o próprio indivíduo. Segundo Rosa (2012) existe ainda uma dupla visão ligada à velhice: a visão positiva e a visão negativa. Em relação à visão positiva, que remonta aos antepassados, está associada à sabedoria e a uma vida cheia de experiências. Desta forma, os conhecimentos das pessoas mais velhas eram vistos como úteis para guiar os mais jovens, por exemplo na caça, na guerra, na agricultura ou mesmo na pastorícia. Atualmente esta visão positiva está principalmente associada ao privilégio

de chegar a idades mais avançadas (Rosa, 2012). No que diz respeito à visão negativa, no passado era uma visão ligada a uma sociedade em que ser velho era um fardo, na medida em que os mais jovens eram mais fortes e mais ágeis, por exemplo, em contexto de guerra. Atualmente esta visão negativa está associada à morte e aos sinais de deterioração física, prevalecendo a ideia de que estes dois fatores ganham mais importância e relevância do que todos os outros que caracterizam os mais velhos, como o conhecimento e a experiência de vida (Rosa, 2012).

2. O significado das percepções

A percepção é um fenómeno subjetivo; no entanto, pode ser quantificada e monitorizada (Corrêa, 2007). Este conceito tem um significado geral, podendo ser uma interpretação dos estímulos, ou seja, está relacionada com a imagem que cada pessoa tem sobre o mundo e o que nele existe (Borges, et al., 2012). Por percepção entende-se, portanto, a construção de uma ideia concebida por um indivíduo através das experiências que vai tendo ao longo da vida, mas também das experiências que os indivíduos à sua volta vão experienciando (Fonseca, 2016).

As percepções das pessoas mais velhas sobre o meio e sobre si mesmas, segundo Pimentel e colaboradores (2016), poderão refletir aspetos negativos que irão afetar a sua autoestima. As percepções levam, assim, a que os indivíduos reflitam de uma determinada forma e, por sua vez, acabem por influenciar as metas que queriam atingir no futuro e o que pretendiam com o seu próprio envelhecimento (Fonseca, 2016). Por exemplo, o facto de o corpo já não ter tanta força física pode levar a uma percepção da pessoa menos atraente, o que não acontecia quando era mais nova. Estas experiências negativas poderão levar a experienciar efeitos negativos a nível social, uma vez que as pessoas mudam a forma como interagem e lidam com as pessoas mais velhas. Ou seja, esta desvalorização pode acabar por influenciar a própria dependência da pessoa idosa (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016).

Assim, a nível das percepções no âmbito do envelhecimento, existe toda uma influência de cariz social para a construção das crenças acerca da velhice. A sociedade no seu geral, por exemplo, marginaliza as pessoas com mais de 65 anos, refletindo-se assim na forma como as percepções influenciam a construção de uma imagem acerca deste grupo de pessoas (Fonseca, 2016).

Segundo Faller e colaboradores (2015), para que os idosos tenham uma boa percepção da sua qualidade de vida, é importante dar voz aos próprios idosos, bem como

valorizar as suas opiniões e dificuldades. Porém, de uma forma geral, a percepção da velhice está associada a perdas, a doenças e incapacidades. Este estigma está muito presente na sociedade, uma vez que esta vê as pessoas mais velhas considerando apenas a aparência física (Faller, et al., 2015). Assim, desta forma, o idoso carrega consigo estigmas e mitos injustificados que fazem com que a velhice seja um período menos satisfatório e que irão interferir na forma como os próprios idosos vivem a experiência de envelhecer (Teixeira, et al, 2015).

3. Origem das percepções nos jovens

Primeiramente, importa referir que a sociedade está a envelhecer e por isso o número de pessoas mais velhas tem vindo a aumentar nos últimos anos de forma significativa (Barreiro, 2013). Atualmente, apesar deste aumento da população mais velha, existe ainda um “culto” muito presente da juventude, numa cultura dominada por padrões jovens (Ferreira-Alves & Novo, 2006). Em contrapartida, segundo Wurtele (2009, como citado em Pimentel, et al., 2016), o olhar dos mais jovens sobre os idosos ainda é algo que é marcadamente visto como negativo. No entanto, a velhice não deixa de ser uma parte da vida, como as restantes, embora esta fase seja muitas vezes mal interpretada e carregada de estereótipos negativos. Posto isto, os jovens, ao estarem rodeados de ideias negativas e fazendo elas parte do seu dia-a-dia, acabam por passar de ideias a percepções verdadeiras e não questionam esta sua versão da realidade (Vieira & Pimentel, 2016). Por outro lado, esta vivência de estereótipos negativos pode levar a que estes jovens quando chegarem à fase da velhice, não questionem os estereótipos que assumiram como verdadeiros (Marques & Lima, 2010, como citado em Pimentel, Lopes, & Faria, 2016).

Contudo, a ligação entre os jovens e as pessoas mais velhas muitas vezes advém da falta de frequência do contacto entre as gerações em espaços comuns e em contextos sociais semelhantes (Vieira & Pimentel, 2016). Grande parte das vezes tudo é separado por geração, não havendo o contacto entre elas de uma forma natural. Esta falta de contacto leva, por sua vez, a que a ligação entre gerações seja tão distante (Vieira & Pimentel, 2016). Os jovens e as pessoas mais velhas acabam por não ter ambientes facilitadores que ajudem no convívio das relações, fragilizando deste modo os laços entre ambas (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016). Por outro lado, o acesso fácil à tecnologia e à informação, muito presente nas gerações mais novas, leva a que os saberes tradicionais e a passagem de ‘testemunho’ do conhecimento dos mais velhos para as outras gerações

seja um ato muito pouco comum e, também ele, muito pouco valorizado (Vieira & Pimentel, 2016). Isto acontece também porque a passagem de conhecimento sem uma rede de relações é quase impossível, não existindo então oportunidades de o passar e partilhar (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016). Ou seja, são criados estereótipos em torno da população mais velha que acabam por influenciar as relações entre as gerações. Estes estereótipos, encontram-se enraizados dentro de uma determinada sociedade e são difíceis de se tornarem perceptíveis (Ferreira-Alves & Novo, 2006).

Portanto, o afastamento das relações entre os mais jovens e os idosos dentro das próprias famílias leva a que na sociedade em geral os mais jovens também mantenham o distanciamento com as gerações mais velhas, como se se tratasse de um comportamento ‘espelho’ (APAV, 2020). Por outro lado, os estereótipos que são enraizados em jovens tendem a agravar-se à medida que o indivíduo vai crescendo e vai interiorizando cada vez mais este preconceito que vem com ele desde muito novo, sendo que as atitudes idadistas são muito frequentes no nosso dia-a-dia (APAV, 2020). Esta visão negativa está assim muito presente nos jovens de hoje em dia, os quais mantêm uma perceção negativa sobre as pessoas mais velhas e que poderá ter como consequência a forma como se estabelecem as relações entre ambas as gerações (Torres, Camargo & Bousfield, 2016).

Para além deste afastamento comum de gerações, segundo Bertoldo e Barbará (2006), o jovem é uma pessoa que está numa etapa da vida marcada pela transição e pela conquista da sua autonomia psicológica e emocional. Assim sendo, pode comprovar-se que o jovem está num tempo de liberdade e de expressão dos seus comportamentos (Dayrell, 2003). Por outro lado, o jovem atravessa um período de desenvolvimento pessoal e também social. Segundo a Organização Mundial de Saúde, o período de juventude é aquele onde o indivíduo se prepara para adotar um papel ativo na sociedade (OMS/OPS, 1985, como citado em Silva & Lopes, 2010). Por outro lado, para Furlani e Bomfim (2010), os jovens acabam por ter limitações no que diz respeito à diversidade dos projetos de vida. Ou seja, a maioria dos jovens vive com tanta “pressa” o presente e limita-se a viver a realidade como ela é, focando-se somente no trabalho ou em estudar. Por outro lado, como afirma o relatório da APAV (2020), as camadas mais novas da população são o motor da mudança do pensamento da sociedade, tendo a capacidade de aprender e de ensinar valores aos outros. Ou seja, é importante valorizar a passagem de conhecimento entre as gerações e, conseqüentemente, a criação de meios que permitam a criação de relações e o seu fortalecimento, uma vez que é importante para que exista compreensão e empatia das gerações mais jovens com os mais velhos. É importante

também conhecer a realidade dos mais velhos, por parte dos mais novos, sendo este um passo que pode ajudar e contribuir para que não exista tanto preconceito e tantos estereótipos negativos associados à velhice (APAV, 2020).

4. O significado de estereótipo

Os estereótipos podem ser definidos como crenças que uma determinada sociedade tem sobre um determinado atributo ou uma característica (Krüger, 2004, como citado em Torres, Camargo & Bousfield, 2016). No entanto, importa não esquecer que os estereótipos são criados com base em informação que pode ser ou não real e pode ter duas classificações. Estes podem ser positivos e negativos. Segundo Butler (1975, como citado em Torres, Camargo & Bousfield, 2016), o estereótipo negativo etário (em relação à idade) está ligado a atitudes discriminatórias e, como consequência, pode potenciar ao isolamento das pessoas idosas, podendo também levar a atitudes negativas por parte dos próprios idosos. Segundo Ferreira-Alves e Novo (2006), em Portugal, os idosos sentem que a discriminação com base na idade faz parte do quotidiano, referindo aqueles autores que grande parte dos participantes no estudo que realizaram já viveram atitudes discriminatórias.

Tal como afirma Garroza (2003, como citado em Torres, Camargo & Bousfield, 2016), os estereótipos ligados às pessoas idosas são na sua maioria negativos. Isto poderá acontecer devido à consolidação da ideia negativa que a sociedade tem em relação à idade. Desde forma, também os jovens criam a perceção negativa sobre os idosos (Torres, Camargo & Bousfield, 2016). Os estereótipos negativos, por outro lado, em casos extremos de manifestação podem levar a que sejam desrespeitados os direitos das pessoas mais velhas como cidadãos de uma sociedade de plenos direitos. No entanto, as pessoas mais velhas são detentoras dos seus direitos humanos, tal como as restantes gerações o são (APAV, 2020). Este desrespeito leva também à exclusão e marginalização dos que são mais vulneráveis, acontecendo mesmo situações de violência (APAV, 2020). Os estereótipos podem trazer assim consequências negativas, como por exemplo ligadas à saúde, acreditando que os problemas manifestados pelos idosos são todos iguais apenas por serem idosos, negligenciando as queixas, acabando assim por não receber os tratamentos adequados (Paschoal, 2011, como citado em Vieira & Lima, 2015).

Para Palmore (1999, como citado em Souza et al., 2019), o preconceito poderá manifestar-se de uma forma negativa e positiva. No entanto, poderá dizer-se que na maioria das vezes ele é considerado como um ato negativo contra um determinado grupo,

assente em crenças negativas (estereótipos) que se focam em características verdadeiras ou não verdadeiras sobre os membros do determinado grupo (Myers, 2014, como citado em Lima & Vieira, 2019). Ou seja, poderá ser discriminação através de atitudes negativas, como por exemplo pensar que todos os idosos são “chatos”, ou poderá ser uma discriminação através de atitudes positivas. No entanto, ambas são discriminatórias, apenas com a distinção que a discriminação negativa é mais fácil de ser percebida, por ser mais evidente. Isto porque, segundo Palmore (1999, como citado em Souza, et al., 2019), as atitudes positivas podem ser facilmente confundidas por gestos de atenção.

Fernandes-Eloi e colaboradores (2019) afirmam que o preconceito contra idosos está presente nas sociedades ocidentais e no mundo laboral. As pessoas mais velhas são vistas como ultrapassadas, pouco competentes e menos flexíveis no que diz respeito ao trabalho. Num mundo competitivo, o idoso tende a ser visto como um empregado em fim de linha uma vez que o seu ciclo produtivo está mais próximo do fim (Paolini, 2016, como citado em Fernandes-Eloi et al., 2019). Portanto, a pessoa idosa acaba por ser estigmatizada, ao valorizar o fator idade como final de uma etapa, e não como uma vida carregada de muitas experiências e aprendizagens. Assim, a sociedade vai alimentado a ideia de preconceito em relação à velhice e permite que seja estigmatizada através de uma visão distorcida (Teixeira, et al., 2015).

No entanto, a pior consequência é a subutilização dos estereótipos, que de uma forma tão impercetível, acabam por ser aceites como verdadeiros dentro da sociedade (Marques, 2016). Para combater os estereótipos relacionados com as pessoas mais velhas também é fundamental que os profissionais que trabalham com esta faixa da população, na área social ou na saúde, sejam indivíduos capacitados para prestar um apoio digno e responsável para com as pessoas mais velhas, longe de qualquer tipo de estereótipo, seja ele negativo (tratar a pessoa mais velha como incapaz) ou positivo (tratar a pessoa mais velha com excesso de proteção) (APAV, 2020).

5. O estereótipo de natureza coletiva: o idadismo

O idadismo é o ato discriminatório relacionado com a idade e é um ato de discriminação social (Marques, 2016). Este tipo de discriminação é manifestado por meio de atitudes do e no quotidiano (Ferreira-Alves & Novo, 2006). O idadismo é ainda o preconceito menos exposto por ser mais socialmente aceite (Nelson, 2006, como citado em Marques, 2016). Segundo Palmore (1999, como citado em Magalhães, et al., 2010), os estereótipos idadistas que se relacionam com o preconceito negativo das pessoas mais

velhas são nove: a doença, a impotência sexual, a fealdade, o declínio mental, a doença mental, a inutilidade, o isolamento, a pobreza e a depressão. São estereótipos marcadamente negativos e que conduzem a uma grande discriminação imposta às pessoas que pertencem a este grupo, levando por sua vez ao surgimento de barreiras, por exemplo, no emprego ou em cuidados de saúde. Portanto, este ato de discriminação é caracterizado por ser a crença de algo negativo associado à idade, levando a que as pessoas que pertencem a essa categoria sejam excluídas apenas por ter idade mais avançada (Torres, Camargo & Bousfield, 2016).

Segundo Aguiar e colaboradores (2019), vemos muitas vezes na sociedade de hoje comportamentos preconceituosos que têm como base somente o critério da idade, o que propicia o comportamento idadista. Este ato de discriminação pode afetar as pessoas mais jovens e as pessoas mais velhas através de atitudes discriminatórias idadistas (APAV, 2020). No entanto, segundo Souza e colaboradores (2019), o idadismo está mais relacionado com as gerações mais velhas. Para Bytheway (2011, como citado em Castro, 2016), o idadismo está enraizado na sociedade através, por exemplo, dos discursos das pessoas e através também da rejeição da pessoa idosa, uma vez que “o velho” faz lembrar de uma forma perturbadora a morte. Este medo à morte poderá levar a que as pessoas rejeitem os velhos com a ideia de que estão a afastar a morte de si. Ao contrário do racismo, reprimido pela sociedade, o idadismo é mais tolerado pelas pessoas, e muitas vezes nem sequer é visto como um ato de discriminação (Marques & Lima, 2010, como citado em Pimentel, Lopes & Faria, 2016).

Relativamente à discriminação idadista das pessoas mais velhas, as ideias idadistas mais recorrentes são, portanto, de que as pessoas idosas são indivíduos incapazes, de que são novamente crianças, de que são pessoas doentes, tristes e com muitas incapacidades (Fonseca, 2016). Posto isto, entrar uma fase da vida que tem projeções assim tão marcadamente negativas e pessimistas poderá levar, por exemplo, à desmotivação de planear um futuro (Fonseca, 2016). O idadismo manifesta-se por meios de estereótipos que tendem, por exemplo, a caracterizar todos os elementos da mesma faixa etária com traços negativos, como a incapacidade e a doença, mas também de preconceitos e sentimentos de desprezo, muitas vezes disfarçados de piedade ou paternalismo, e de atitudes de proteção excessiva (Faller, et al., 2015). Por outro lado, o idadismo assume um lado mais negro onde se encontram maus-tratos e abusos contra as pessoas mais velhas. Entre estes abusos podem estar os físicos (mais visíveis e perceptíveis) e os psicológicos e/financeiros (menos visíveis e muitas vezes nada

perceptíveis) (APAV, 2020). Isto significa que, de uma forma geral, na cultura em que vivemos, é comum passar a ideia de geração em geração que as nossas capacidades vão diminuir assim que vamos ficando mais velhos, um estereótipo que é tão comum e vulgar, que acabamos por encará-lo como verdadeiro e nem duvidamos que não seja verdadeiro (Fonseca, 2016).

Contudo, a nível das ideias de natureza idadista, segundo Fonseca (2016), se elas forem de natureza positiva elas podem tornar mais fácil e menos dolorosa a experiência da velhice. As ideias de natureza idadista marcadamente negativas poderão, por outro lado, condicionar negativamente esta experiência uma vez que existe uma enorme desvalorização das pessoas mais velhas (Fonseca, 2016). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, como citado em APAV, 2020), os estereótipos idadistas marcadamente negativos levam a que seja mais difícil a adoção de medidas políticas que sejam justas e eficazes (APAV, 2020). No entanto, esta discriminação idadista relativamente às pessoas mais velhas não se vê apenas manifestadas pelas gerações mais novas, mas também pelos próprios idosos. Ou seja, a pessoa mais velha, por estar tão acostumada a lidar com estereótipos relacionados com a idade acaba, também, por ter um olhar negativo perante a sua própria velhice (Nelson, 2009, como citado em Fonseca, 2016).

A manifestação do preconceito relacionado com os estereótipos idadistas podem acontecer através de duas vias. Poderá ser através de uma demonstração mais aberta e consciente ou de uma forma mais implícita e inconsciente (Lima & Vieira, 2019). No entanto, uma vez que o preconceito está enraizado dentro de uma determinada sociedade e seja constante na população, a pessoa que sente esse preconceito pode não se manifestar com receio de não ser aceite nessa sociedade (Myers, 2014, como citado em Lima & Vieira, 2019). Desta forma, o preconceito poderá influenciar o comportamento das pessoas, levando a que tenham determinadas atitudes e que, depois, originem diferentes opiniões de pessoa para pessoa (Loewenhaupt & Iglesias, 2018). Ou seja, o preconceito é uma generalização que discrimina um determinado grupo e os seus membros, através de uma crença acerca desse grupo e determina um comportando apenas porque a pessoa pertence a esse grupo, levando a gestos e atitudes discriminatórias (Loewenhaupt & Iglesias, 2018). Tal como afirma Allport (1954, como citado em Souza, et al., 2019), o preconceito está relacionado com a discriminação de uma determinada pessoa que pertence a uma minoria social e que faz parte desse grupo que é desvalorizado socialmente.

O idadismo poderá estar agrupado em vários graus, desde o desrespeito até aos maus tratos (Castro, 2016). Segundo Marques (2016), o idadismo em Portugal está mais ligado à discriminação com as pessoas mais velhas e afeta principalmente as relações interpessoais, podendo ter o isolamento social como consequência. Finalmente, a nível estrutural também se podem verificar atos de discriminação idadista, por exemplo, com a imposição da reforma por parte do Estado. Esta imposição é feita através da idade, como se as pessoas que têm mais de 66 anos perdessem as suas capacidades e as competências, deixando de importar o que a pessoa quer ou o nível da sua competência (APAV, 2020).

6. O estereótipo individual: mudança de personalidade

Os estereótipos podem ter por base as características individuais de cada idoso e a sua manifestação leva a que sejam criadas imagens relacionadas com os mais velhos que não correspondem à verdade. Como consequência, a sociedade acaba por ser injusta com os mais velhos (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016). Por exemplo, a crença no rótulo de que todos os idosos são iguais e que todos os idosos possuem a mesma personalidade (Santos, 2013). Esta atitude pode levar a que se tenha comportamentos idênticos no tratamento e na forma de lidar, agindo igual com todos como se a pessoa a partir do momento em que é idosa passe-se a ter uma personalidade diferente e colocada num ‘quadrado’ da terceira idade. No entanto, as pessoas mais velhas não são de todo todas iguais, até porque à medida que se envelhece, cada pessoa torna-se mais única e com características cada vez mais específicas (Barata, 2010, como citado em Santos, 2013). É o acumular de acontecimentos de vida que torna as pessoas diferentes, incluindo ainda a maneira como cada pessoa se adapta às mudanças que vai vivenciando. Porém, a manifestação dos estereótipos relacionados com a personalidade da pessoa mais velha pode manifestar-se através da crença de que a pessoa idosa está estagnada na sua própria personalidade e uma vez que atingiu a idade adulta não a desenvolve mais, ou então através da crença de que todos os idosos têm a mesma personalidade (Barroso, 2014).

Como referido no relatório da APAV (2020), as pessoas mais velhas são um grupo onde as pessoas são diferentes entre si, como qualquer outro grupo de outra etapa da vida. Ou seja, são diferentes desde a própria idade à personalidade, passando pelas experiências de vida, sendo pessoas adultas que são diferentes entre si (Barroso, 2014). Segundo Appelbaum (2016, como citado em APAV, 2020), as pessoas mais velhas acabam mesmo por serem pessoas mais flexíveis do que os mais jovens, uma vez já viveram várias fases da vida, vários problemas e vários acontecimentos de vida quer pessoais quer

profissionais. As pessoas mais velhas não são, de todo, um grupo social homogêneo. Este deve ser assim valorizado como um grupo que tem a sua autonomia e a sua dignidade (Barroso, 2014). Achar que as pessoas mais velhas são um grupo homogêneo, com as mesmas crenças, os mesmos hábitos, é um ato que poderá influenciar grandemente todas as atitudes discriminatórias com as pessoas idosas, porque esta parte do percurso do ser humano é também ele complexo e todos os indivíduos são diferentes uns dos outros, com estilos de vida diferentes, com histórias de vida diferentes (APAV, 2020).

Por outro lado, as pessoas mais velhas também possuem a capacidade de mudar e a ideia de que são iguais não parece de todo estar correta (Barroso, 2014). As pessoas mais velhas têm maior tendência de se depararem com problemas de vida mais complicados e que exigem maior capacidade de adaptação (Maiden et al., 2003, como citado em Irigaray & Schneider, 2007). Por exemplo, a morte do companheiro ou mesmo as doenças que vão surgindo com o avançar da idade (Santos, 2013). Portanto, a personalidade na velhice tem exatamente as mesmas transformações que a personalidade na vida adulta, não sendo assim uma personalidade que fica estagnada só porque atingiu a idade que marca a entrada na velhice (Santos, 2013).

Por outro lado, as pessoas mais velhas podem ser mais-valias pois carregam consigo anos de experiências e de conhecimentos que podem ajudar as gerações mais novas (Glaser, et al., 2013, como citado em Paulos & Pimentel, 2016), sendo este um contributo para diminuir o estereótipo idadista de que os mais velhos são inúteis para a sociedade e para a economia. É preciso valorizar as qualidades das pessoas mais velhas e o que elas têm para oferecer a toda a sociedade e às gerações mais novas (Paulos & Pimentel, 2016).

7. As relações intergeracionais

As relações intergeracionais podem ser definidas como relações entre pessoas com idades diferentes e que estão desse modo em etapas de vida distintas (Nunes, 2009, como citado em Silva, 2011). Segundo Silva (2011), este tipo de relações tem o seu começo no contexto familiar, uma vez que é neste contexto que ocorre a partilha e também a interajuda entre as várias gerações. As relações intergeracionais têm, deste modo, um princípio base de solidariedade que as sustentam e que por sua vez influencia a qualidade de vida dos mais velhos (Rabelo & Neri, 2014).

Segundo Goldani (2010) a passagem de conhecimento e de educação por parte das várias gerações é um elemento fundamental para a ligação das várias gerações,

acabando por dar novas oportunidade de aprendizagens. No entanto, segundo Villas-Boas e colaboradores (2017), as gerações mostram-se cada vez mais distantes. A separação das gerações é uma realidade cada vez mais presente nas sociedades contemporâneas e que um dos motivos principais para isso acontecer é a falta de conhecimento entre as gerações. Esta falta de conhecimento leva, por sua vez, ao aumento de atitudes negativas (Villas-Boas, et al., 2017).

Segundo Villas-Boas e colaboradores (2017), existem várias razões para tal facto acontecer. Entre elas as mudanças nas famílias ou as mudanças dos papéis sociais. Para os autores, estes fatores criam entraves, por exemplo, na organização dos espaços, e compromete a solidariedade entre ambas as gerações, com especial enfoque nas gerações mais velhas com as gerações mais novas. Isto acontece principalmente porque existe falta de conhecimento partilhado entre ambas as gerações acerca das suas experiências e dos seus conhecimentos. Este aspeto é prejudicial para o convívio das relações, uma vez que a ausência de informação sobre cada uma acaba por aumentar as distâncias. Esta falta de conhecimento leva à produção de ideias erradas sobre as gerações e à criação de estereótipos positivos e/ou negativos, que não condiz com a realidade. Nestes preconceitos, é notório que a prevalência dos estereótipos negativos é mais forte. O preconceito e os estereótipos acabam por criar barreias na criação de ligações entre as gerações, criando a sua separação (Villas-Boas, et al., 2017). No entanto, aprender com os mais velhos, e vice-versa, traz inúmeras vantagens para ambas as gerações. Este contacto, além da partilha de conhecimento, leva ainda a que sejam desmitificados alguns dos estereótipos, principalmente no que diz respeito às ideias pré-concebidas que os mais novos têm em relação aos mais velhos (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016).

A distância entre gerações traz consigo consequências, tais como a perda de património e também a consolidação dos estereótipos idadistas (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016). Para mudar tal facto, a convivência das gerações é fundamental para desmitificar ideias concebidas pelos estereótipos e mostrando que o contacto intergeracional é rico e promove o desenvolvimento das relações (Pimentel & Faria, 2016).

Portanto, nas relações intergeracionais existem, assim, benefícios para cada uma das partes. Para os mais velhos, existe a oportunidade de se sentirem úteis ao passarem os seus conhecimentos, os seus saberes e o sentimento de estarem a ensinar algo valioso. Para os mais jovens, existe a oportunidade de lidar com a geração mais velha, desmitificar os estereótipos que tinham dos mais velhos como sendo pessoas incapazes e sem valor (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016). Por exemplo, os programas intergeracionais são

programadas que poderão instruir aos jovens e às crianças formas de aproximação entre as gerações. Levam à partilha de saberes e conhecimentos e por consequência à aproximação e compreensão de ambas as gerações, destruindo assim também os preconceitos que os jovens têm sobre os mais velhos, havendo um juízo crítico sobre os comportamentos idadistas (APAV, 2020).

Segundo Martins (2013), a prática de programas intergeracionais e a implementação de atividades que juntem várias gerações permite a todos, desde as crianças e jovens aos idosos, uma aproximação que ajuda no aumento da autoestima, na diminuição de estereótipos de cariz negativo e na prática de valores como a inclusão e o respeito por todos. Porém, a existência/qualidade das relações intergeracionais não depende apenas e só do esforço de uma das gerações, mas sim de um trabalho em conjunto. Por outro lado, é fundamental que, para que a pessoa não passe uma velhice sozinha e solitária, cultive e cuide das gerações que estão ao seu redor, como a família, os vizinhos ou os amigos (André, 2020). Como descrito no livro de Ana Catarina André, ‘Os pombos da senhora Alice’, que conta vários relatos de idosos que vivem sozinhos e/ou isolados. São histórias reais, muitas delas marcadas pela tristeza de estar longe da família ou por se terem tornados dependentes. Como o caso da D. Alice que alimenta os pombos na própria casa por ser algo que lhe dá uma tarefa a cumprir, por muito que saiba que ter aqueles pombos em casa uns minutos lhe podem trazer problemas de saúde (André, 2020).

Tendo em conta esta realidade tão marcadamente presente na nossa sociedade, torna-se assim pertinente explorar o fenómeno dos estereótipos idadistas através da perceção que os mais jovens tem desta realidade, para assim tentar compreender como estes estereótipos poderão influenciar a visão dos jovens sobre os mais velhos.

II. MÉTODO

1. Metodologia

Nas ciências sociais, a entrevista qualitativa é uma metodologia de recolha de dados amplamente utilizada. Uma característica central destas entrevistas é a existência de uma relação intersubjetiva entre o entrevistador e o entrevistado, uma vez que é permitida a negociação de visões da realidade resultantes da dinâmica social (Minayo, 2010).

Neste estudo optou-se pela metodologia qualitativa, de forma a dar uma melhor resposta aos objetivos da investigação em que se pretende estudar as perceções sobre um fenómeno específico. Esta abordagem permite analisar a forma como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências sociais e individuais (Sparkes & Smith, 2014, citado em Resende, 2016). Assim, verificou-se que um estudo de natureza qualitativa seria o mais adequado, por permitir explorar o tema em profundidade, obtendo uma compreensão mais profunda sobre a perceção que cada indivíduo tem sobre o tema em foco.

1.1. Objetivo e Questões de Investigação

O principal objetivo deste estudo é compreender qual a perceção que os jovens têm sobre os mais velhos, avaliando a forma como os estereótipos de cariz idadista marcam e interferem nas relações que os mais jovens tem com os idosos. Tendo em conta o objetivo deste estudo, foram elaboradas as seguintes questões de investigação:

- a) Como é que os jovens percecionam/veem os mais velhos?
- b) Quais as crenças/ideias que os jovens têm acerca dos mais velhos?
- c) Que influência têm os estereótipos nas relações intergeracionais?

1.2 Participantes

Foi selecionada uma amostra intencional não aleatória, por conveniência, constituída por 9 indivíduos. Os critérios de inclusão foram: serem indivíduos da comunidade e terem entre 15 a 19 anos. Os participantes são todos residentes no distrito

de Viana do Castelo. O recrutamento foi realizado através de um primeiro contacto pelas redes sociais.

Na tabela que se segue são apresentadas as principais características da amostra.

Tabela 1: Caracterização da amostra

	Género	Faixa Etária	Escolaridade
Participante 1	Feminino	17 anos	11º ano
Participante 2	Feminino	18 anos	11º ano
Participante 3	Feminino	17 anos	12º ano
Participante 4	Masculino	16 anos	10º ano
Participante 5	Feminino	17 anos	10º ano
Participante 6	Feminino	16 anos	11º ano
Participante 7	Masculino	18 anos	10º ano
Participante 8	Masculino	19 anos	12º ano
Participante 9	Feminino	17 anos	11º ano

Para determinar o número final de participantes, foi utilizado o critério da amostragem por saturação teórica. Ou seja, foram realizadas entrevistas até que a informação recolhida apresentasse repetição e não fosse mais produtivo a realização de entrevistas a novos participantes para obtenção de mais informações. Este critério da saturação teórica permite definir assim o número de entrevistas uma vez que a introdução de novos participantes já não acrescenta informação relevante e não compromete nem altera a compreensão do que está a ser estudado (Hoffmann, & Farias, 2018).

1.3 Instrumento

Tendo em conta os objetivos do estudo, a recolha de dados foi realizada com recurso à entrevista semiestruturada em profundidade. A utilização da entrevista deveu-se ao facto de esta compreender, segundo Aires (2011), o desenvolvimento de uma interação criadora de significados em que as características pessoais do entrevistador e do entrevistado influenciam o curso da mesma. Neste sentido, a entrevista oferece maiores vantagens em relação ao questionário, uma vez que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias nas quais a mesma se desenvolve, além de possibilitar a captura de expressões verbais e não-verbais do entrevistado (Gil, 2008).

No que diz respeito ao tipo de entrevista, optou-se pela entrevista semiestruturada, uma vez que esta se caracteriza pelo facto de o entrevistador dominar os temas que serão abordados através de questões colocadas ao entrevistado e estas serem abordadas livremente (Pardal & Correia, 1995).

O guião da entrevista (Anexo 2) foi elaborado previamente e especificamente para o efeito, com recurso à revisão da literatura, tendo a sua maioria influência na Escala op de Kogan (Atitudes face aos idosos, 1961, trad. Elisabete Nunes, 1995, como citado em Neves, 2012) e no Questionário para avaliação de conhecimentos em relação à velhice (Palmore-Neri-Cachioni, 2002, como citado em Neves, 2012). Dentro dos principais tópicos do guião da entrevista estão: visão dos jovens sobre o envelhecimento; tipo de estereótipos e influência dos estereótipos nas relações.

2. Procedimentos

2.1. Procedimentos de recolha de dados

Para a realização do procedimento de recolha de dados, e tendo em conta a situação pandémica atual pela COVID-19, foi acordado individualmente com os participantes uma data para a realização da entrevista através de videochamada. Foram assim realizadas as entrevistas individuais entre o entrevistado e entrevistador com recurso à videochamada pela plataforma Zoom, seguindo o guião da entrevista previamente elaborado.

Todos os processos éticos foram considerados e antes de se iniciar a entrevista foi lido e enviado o “consentimento assinado” (anexo 3), o qual posteriormente foi devolvido devidamente assinado. Desta forma o participante declarou que foi informado de todos os pormenores relativos à realização do estudo, autorizando a gravação da entrevista em formato áudio, para posteriormente ser transcrita com o objetivo de recolha e tratamento de dados unicamente utilizadas para fins de investigação no presente estudo.

2.2. Procedimentos de tratamento e análise de dados

Após terminar a recolha de dados, procedeu-se à transcrição na íntegra das entrevistas e à primeira leitura flutuante. Os dados foram analisados com recurso à análise de conteúdo, sendo construídas categorias e subcategorias. Segundo Bardin (2011, como citado em Lima & Manini, 2016), a análise de conteúdo não se depara só com uma técnica, mas sim um conjunto de técnicas que vão analisar a comunicação.

A análise de conteúdo, segundo a mesma autora, rege-se por três etapas. A primeira trata-se da *pré-análise* onde são transcritas todas as entrevistas na íntegra recorrendo à gravação da recolha de dados efetuada junto dos participantes. Nesta primeira fase é também onde começam a surgir possíveis hipóteses/categorias de análise. Posteriormente procedeu-se à realização da segunda fase (*codificação*) onde, segundo Bardin (2011, como citado em Lima & Manini, 2016), se inicia a criação de categorias para posterior análise e onde todo o conteúdo é analisado e disposto nas respetivas categorias. A *categorização* (terceira fase), entende-se como o processo de organização das ideias e das informações obtidas, obedecendo a um determinado critério. Para terminar, a última fase prende-se com a *interpretação* dos dados recolhidos. Este processo tal como afirma Bardin (2011, como citado em Lima & Manini, 2016), exige criatividade, mas também a ligação dos dados recolhidos com a pesquisa bibliográfica e informação teórica já existente sobre o tema.

Para o tratamento de dados recorreu-se ao software NVivo 11®.

III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os dados recolhidos através das entrevistas foram analisados com recurso ao software NVivo 11®. A validade dos resultados permite uma descrição detalhada de todo o processo de investigação, mantendo proximidade com o discurso dos participantes através de citações.

Surgiram no discurso dos entrevistados três grandes temas: (1) *perceção sobre a velhice*; (2) *perceção sobre os estereótipos*; e (3) *perceção sobre as relações intergeracionais*. Estes temas dividiram-se em diversas categorias e subcategorias, dando origem ao sistema geral de categorias (Anexo 4). Iremos de seguida apresentar as categorias e subcategorias que mais contabilizaram para responder às questões de investigação, estando assinaladas a negrito para facilitar a leitura dos resultados. Estas serão descritas de uma forma mais geral, para que, de seguida, seja possível a discussão à luz da literatura.

1. *Perceção Sobre a Velhice*

“ser uma pessoa idosa tem a ver com a tua capacidade de fazer as atividades do dia-a-dia”

1.1 Velhice

Através da categoria **velhice**, pretendeu-se explorar de que forma os jovens descreviam um adulto mais velho e qual a sua perceção geral associada à pessoa idosa. Fomos capazes de compreender que, para estes jovens, as principais características são a **idade** (ref. 10) *“eu vou pela idade”* e as **mudanças físicas** (ref. 9) *“ser uma pessoa idosa tem a ver com a tua capacidade de fazer as atividades do dia-a-dia”*.

1.2 Características da velhice

Nesta categoria relativa às **características da velhice**, é dada principal relevância às **características físicas e biológicas** (ref. 8) *“cabelo branco, corcunda, saia preta, bengala e camisa à velho, aquelas das risquinhas sem cor”*, seguidas de **características psicológicas** (ref. 5) *“várias experiências, com bastantes conhecimentos, que nos possam dar ensinamentos”* e **características sociais** (ref. 5) *“uma pessoa que liga muito ao*

conhecimento e à cultura e a isso tudo". Consideram importante também a **satisfação com a vida passada** (ref. 4) "*numa pessoa com conhecimento*".

É também importante mencionar que, segundo os entrevistados esta sua perspectiva é **partilhada** (ref. 6) com outros jovens "*acho que tem pessoas com opiniões parecidas à minha, porque alguns moram com os avós e os avós tem que andar de andarilho*". Por outro lado dividem-se na conotação emocional transmitida ao mencionar uma **conotação emocional positiva** (ref. 3) a falar sobre pessoas mais velhas "*eu falo dos avós, porque é como uma segunda família. Eles também estão sempre lá*", e uma **conotação emocional negativa** (ref. 3) "*Aí não. As pessoas que não têm paciência*". Verificou-se também que a **influência da família** (ref. 3) se refletia na perceção que os entrevistados tinham sobre a pessoa idosa "*como eles lidam com a vida e é o facto de eu conviver com eles*".

1.3 Habitação

Os participantes consideram que a maioria dos idosos vive na sua própria **casa** (ref. 9) "*vivem em casas*" ou em **ERPI** (ref. 6) "*se a família não for presente, o melhor lugar para eles é o Lar*".

1.4 Atividades e Produtividade

Na categoria relativa às **atividades e produtividade**, foram valorizadas principalmente as **tarefas domésticas** (ref. 15) "*assuntos de casa*", seguindo-se a inatividade, ideia de **vazio** (ref. 5) "*fechados em casa mesmo e aborrecidos*".

Consideraram também que a nível de produtividade existe ainda **capacidade** (ref. 17) "*a horta, planta, tem os animais, tudo*", comparando imediatamente com a perspectiva de **incapacidade** (ref. 8) "*aspetos físicos, o corpo deles já não permitir fazer algumas atividades*".

1.5 Preocupação

A nível da categoria relativa à **preocupação**, pretendeu-se compreender de que forma os jovens entendiam as preocupações dos mais velhos, sendo que foram entendidas como uma **preocupação maior** (ref. 5) do que a dos jovens "*mais preocupadas*". Como preocupações, os entrevistados referiram em grande parte que estas preocupações seriam principalmente **com a família** (ref. 14) "*preocupar-se mais com os netos e com os filhos*".

2. Perceção Sobre os Estereótipos

“pessoal idoso a cabeça deles já não funciona como se fosse mais novo e acabam por se aproveitar disso”

2.1 Marginalização

Com objetivo de perceber a visão dos jovens acerca da marginalização pela idade, esta categoria pretendeu codificar qual o tipo de marginalização percebida (ou não) dos jovens, bem como os contextos em que surge. As entrevistas demonstraram a **marginalização percebida** (ref. 13) *“está velho já não faz nada”*, principalmente em **contexto social** (ref. 13) *“sociedade quer viver o dia-a-dia muito apressado”*. Quando questionado o tipo de grupo social que mais tinha este tipo de atitudes de marginalização, os entrevistados fizeram maior referência à **marginalização pelos jovens** (ref. 4) *“mais os jovens”*.

2.2 Heterogeneidade

Fazia sentido, nesta fase, compreender de que forma os participantes percebiam esta fase do desenvolvimento, sendo que foi clara a noção de **heterogeneidade** (ref. 18) na velhice *“todos os seres humanos são únicos, são singulares, são diferentes”*. Nas entrevistas percebeu-se também que o principal fator que levou estes jovens a ter esta perceção prende-se com a **mentalidade** (ref. 8) do idoso *“cada um pensa de forma diferente”*.

2.3 Idadismo

Pretendendo compreender o conhecimento dos jovens sobre o conceito de **idadismo** foi possível perceber o **desconhecimento** (ref. 9) do mesmo *“nunca ouvi falar”*. Percebeu-se também que os jovens reconhecem um **comportamento diferente** (ref. 8) perante os idosos *“é normal que eu tenha um tom mais sério, mais seguro”*, tanto **positivo** (ref. 5) *“mais afáveis”* e de **respeito** (ref. 5) *“nós respeitamos um mais velho, do que um mais novo”*, como **negativo** (ref. 5) *“com pouca paciência”*. Os entrevistados reconhecem ainda que existe diferença na **forma de comunicar** (ref. 4) com as pessoas idosas *“mas tentando falar de uma forma mais fofa e agradável para eles”*.

2.4 Fase da Vida

Compreendeu-se que, para estes jovens, esta **fase da vida** correspondente à velhice é marcada como **solitária** (ref. 8) *“para a maior parte dos idosos sim, porque estão*

sozinhos”, por **ausência de rede social** (ref. 13) “*maior parte deles começam a tornar-se só dois, ou seja, marido e mulher*” e por **opção da família** (ref. 8) “*nem a família se importa com eles*”. Foi caracterizada ainda como uma **fase da vida triste** (ref. 6) “*se calhar concordo de eles serem mais triste*”.

3. *Percepção Sobre as Relações Intergeracionais*

“os padrões de mentalidade e de pensamentos que existiam talvez na época deles, na época de juventude, agora estão a ser totalmente alterados”

Neste tema emergiu uma categoria altamente relevante demonstrando a **distância geracional presente** (ref. 22) “*os meus avós são de uma geração, a minha mãe é de outra também e eu sou de outra e temos as nossas diferenças*”, justificadas pelas **diferenças de grupo geracional** (ref. 7) “*as pessoas se ligam mais em termos de pessoas que tem a mesma idade*” e do **avanço tecnológico** (ref. 7) “*viveram num tempo em que a tecnologia não era tão avançada*”. Por outro lado reconhecem os benefícios do **convívio intergeracional** (ref. 6) “*porque era bom para eles, que eles se sentiam mais confortáveis*”.

IV. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O presente estudo permitiu ter acesso ao tipo de percepção que os jovens têm sobre as pessoas mais velhas, analisando as crenças que possuem sobre a terceira idade, bem como perceber de que forma os estereótipos de cariz idadista influencia as relações intergeracionais. Segundo Dias e colaboradores (2013), o envelhecimento engloba vários fatores relacionados com a saúde física, com a saúde mental, com a família, com a vida diária, com a vida social e com a dependência económica. Posto isto, a leitura integrada dos resultados descritos à luz da literatura, irá permitir dar resposta às questões de investigação colocadas como ponto de partida. Ficou claro que os discursos não apresentaram grandes oscilações na narrativa partilhada.

A presente discussão dos resultados pretende responder às questões de investigação colocadas, para melhor compreensão dos resultados encontrados.

Questão 1. Como é que os jovens percebem/veem os mais velhos?

Relativamente à percepção que os jovens têm sobre as pessoas mais velhas, percebeu-se que surgiram vários tipos de percepções de naturezas diferentes, estando as respetivas subcategorias relacionadas com as seguintes categorias: (1) *velhice*; (2) *características da velhice*; (3) *habitação*; (4) *atividades e produtividade* e (5) *preocupação*.

Na categoria *velhice* foram identificadas como subcategorias a **idade**, as **mudanças físicas**, a **mentalidade**, a **doença** e a **perspetiva de ciclo de vida**. Percebeu-se que na subcategoria **mudanças físicas**, os entrevistados evidenciaram as alterações no corpo e nas capacidades de cada pessoa, sendo relevantes para definir uma pessoa idosa. Esta subcategoria parece-nos dar a ideia da forma como os jovens olham para as mudanças a nível físico e como esta mudança reflete na sua visão sobre a pessoa idosa. Segundo Faller e colaboradores (2015), de uma forma geral, a percepção da velhice está associada a perdas, a doenças e incapacidades. Assim, com o avançar da idade a pessoa vai ficando mais frágil enquanto corpo físico (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016).

No que diz respeito à subcategoria **mentalidade**, os entrevistados demonstraram que na sua opinião o facto de ser idoso depende da forma de pensar de cada um e conseqüentemente no tipo de mentalidade que cada um possui. Para Santos (2013), cada

indivíduo tem responsabilidade na forma como vai envelhecendo, existindo desta forma muitos modos de envelhecer.

Dentro desta categoria correspondente à *velhice*, importa referir que na subcategoria **ciclo de vida**, ainda que apenas tenha sido mencionada por um entrevistado, é corroborada pela hipótese de que a responsabilidade na forma como o indivíduo vai envelhecendo não diz respeito só à face da velhice propriamente dita, mas sim a todo o seu ciclo de vida (Fonseca, 2016).

Relativamente à categoria construída com as *características da velhice*, atribuídas pelos jovens às pessoas mais velhas, destacam-se as **características biológicas/físicas**, sendo que também foram ainda mencionadas **características sociais** e as **características psicológicas**.

Verificou-se assim que na subcategoria **características biológicas/físicas**, os entrevistados nomearam várias características relativas a aspetos físicos, como cabelos brancos e rugas, mas também revelaram características a nível de fragilidades físicas como é o caso do uso de bengala, os ossos mais frágeis ou a incapacidade de fazer certas atividades. Segundo Santos e colaboradores (2011), nas imagens construídas por jovens sobre as pessoas mais velhas existe a prevalência de perdas nas atividades corporais, mas também incapacidade e fragilidade. Para Rosa (2012), a visão negativa associada aos mais velhos está associada a sinais de deterioração física dando a ideia de que este fator ganha mais importância nesta fase da vida da pessoa.

No que concerne à subcategoria **características sociais**, os entrevistados fizeram referência ao facto de os mais idosos não entenderem ou compreenderem as gerações mais novas por terem vivido numa época diferente e serem mais agarrados ao que viveram nas suas épocas. Por outro lado existe também a referência a serem pessoas que, por terem vivido muitos anos, possuem mais conhecimentos e mais cultura. Importa refletir a partir deste ponto que quando falamos de envelhecimento, segundo Rosa (2012), devemos ter em mente duas direções diferentes: o envelhecimento individual e o envelhecimento coletivo. Focando no envelhecimento individual, este separa-se em dois conceitos: o envelhecimento cronológico (que faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano) e o envelhecimento biopsicológico (vivido por cada indivíduo de forma diferente). Neste último, o conceito de envelhecimento é visto como um acontecimento que depende de pessoa para pessoa. Depende da sua vivência, dos seus hábitos e estilos de vida, das suas condicionantes genéticas e também da própria sociedade a que o indivíduo pertence (Rosa, 2012). Por outro lado, segundo Torres, Camargo e Bousfield

(2016), os jovens de hoje em dia têm uma percepção negativa sobre as pessoas mais velhas e da qual influencia em muito o tipo de relações entre ambas as gerações.

Na subcategoria **características psicológicas**, segundo os entrevistados, as pessoas idosas possuem conhecimento que podem transmitir aos outros, no entanto, depende de cada pessoa e da sua mentalidade. De acordo com Rosa (2012), antigamente os mais velhos estavam associados a pessoas que carregavam consigo muitas experiências e sabedoria e do qual podiam transmitir às gerações mais novas, como era o caso de conhecimentos sobre a agricultura ou a guerra. Atualmente a velhice é vista como um privilégio de chegar a idades avançadas. Desta forma a velhice acaba por ser uma etapa que é só valorizada pela idade e não pelo que pode transmitir com o seu conhecimento e sabedoria (Teixeira, et al., 2015).

Foi também referido pelos entrevistados o tipo de percepção que tinham em comparação com os outros jovens a nível da **percepção partilhada**. No que diz respeito a esta subcategoria, os entrevistados afirmaram que outros jovens têm a mesma opinião que eles relativamente à sua percepção das pessoas mais velhas, sendo que esta percepção parece estar associada ao exemplo dos avós. Por percepção entende-se a construção de uma ideia concebida através das experiências que se vai tendo ao longo da vida e do que se vai experienciando (Fonseca, 2016). Segundo Andrade (2014), os jovens possuem uma perspetiva sobre o idoso que abrange o lado positivo o negativo. Segundo Andrade (2014), os jovens olham para os idosos como pertencentes a uma fase da vida que por um lado carrega ganhos (como a experiência e a sabedoria), mas também carrega perdas (como a doença e a incapacidade).

Percebeu-se ainda, no decorrer das respostas, a forma como o fator **emocional positivo** ou **negativo** se refletia nas afirmações transmitidas. Na subcategoria **emocional positiva**, os entrevistados referem-se aos idosos como sendo pessoas pelo qual possuem carinho, fazendo referência à imagem que tem sobre os avós. Tal como afirma Santos e colaboradores (2011), o jovem tem uma visão sobre a pessoa idosa muito influenciada pela imagem que eles têm da pessoa de referência para eles. Esta pessoa é na sua maioria o avó/avô e a sua convivência com estas figuras da família faz com que os jovens desenvolvem a sua visão sobre os mais velhos com base nestas pessoas que fazem parte do seu dia-dia. Por outro lado, existe também a **conotação emocional negativa**, onde podemos perceber que os entrevistados referem que existem pessoas que não tem paciência para os mais velhos referindo-o como algo negativo e mencionam mesmo que tem uma postura inadequada. Segundo Bytheway (2011, como citado em Castro, 2016),

os discursos das pessoas e a rejeição da pessoa idosa estão presentes na sociedade atual, uma vez que “velho” remete o pensamento para algo que faz lembrar de uma forma perturbadora a morte.

No que concerne à subcategoria **satisfação com a vida passada**, os entrevistados evidenciam os conhecimentos e as aprendizagens que as pessoas idosas possuem, mas também o facto de se prenderem com o que faziam quando eles eram jovens, valorizando assim o passado. Segundo Moliner e Vidal (2003, como citado em Torres et al., 2016), os idosos são caracterizados como experientes e sábios. Para Torres (2010), os jovens (adolescentes) quando pensam em idosos remetem-nos para três conceitos: reforma, sabedoria e experiência. Os idosos podem também possuir competência associadas à experiência de uma vida, tais como lealdade, compromisso, liderança e experiência acumulado (Teixeira e Andrade, 2020).

Por fim, em relação à subcategoria que aborda as **influências da família**, os participantes demonstram como os avós são influência ao nível da sua perceção sobre as pessoas mais velhas, dando assim valor ao que a família transmite e conseqüentemente à imagem que tem dos avós. Segundo Santos e colaboradores (2011), os jovens têm uma visão sobre o envelhecimento muito influenciada pela figura próxima idosa, que muitas vezes são os avós.

Passado à categoria da **habitação**, que menciona o tipo de habitação, que na visão dos jovens os idosos possuem, emergiram as seguintes subcategorias: **casa**, **ERPI** e **casa com a sua família**. Surge assim a ideia de que os idosos vivem mais nas suas próprias casas e os entrevistados percecionam esta casa como um lugar de conforto e paz. Referenciam ainda que existem idosos que vivem em ERPI's, sendo estes lugares uma opção quando a família já não consegue cuidar ou não está presente. Desta forma percebeu-se como os jovens percecionam o local onde habitam os mais velhos, que comparativamente com os dados retirados do Instituto Nacional de Estatística, em 2011 apenas 3,5% da população com 65 e mais anos vive em instituições de apoio social, isto é, em estruturas residenciais para idosos, os lares. Entre 2001 e 2011, segundo o Instituto Nacional de Estatística, o número de pessoas idosas a viver sozinhas, ou exclusivamente com outras pessoas com 65 ou mais anos, corresponde a um aumento de cerca de 27%. Foi ainda mencionado por alguns entrevistados que é positivo para as pessoas mais velhas viverem em suas casas junto com a família. Segundo Cupertino e colaboradores (2007), a envolvimento da pessoa idosa com a família é positiva uma vez que a rede da família é um suporte e um apoio para a pessoa idosa.

Por sua vez, na categoria referente às **atividades**, os entrevistados fazem referência ao facto de as pessoas mais velhas se dedicaram as **tarefas domésticas**, como cuidar da casa e da horta/jardim, sendo esta subcategoria a mais mencionada pelos entrevistados. Segundo Cupertino e colaboradores (2007), para os idosos a sua saúde física está relacionada com a capacidade de realizar as suas atividades de vida diária. Para Aersa (2004, como citado em Magnabosco-Martins, et al., 2009) existe a ideia de que o idoso só é feliz se for ativo e se atualizar a nível do quotidiano e conseguia acompanhar os interesses da família. Como atividades de maior interesse para os idosos, Lima e colaboradores (2004) destacam atividades relacionadas com a igreja, ver televisão e ouvir rádio. Houve poucas referências a estas atividades ainda que tenham sido reconhecidas por alguns dos sujeitos entrevistados neste estudo.

Passando agora para a categoria da **produtividade**, os entrevistados identificaram num número significativo o facto de não concordarem quando é referido que os idosos são inativos ou pouco produtivos. Revelam assim que na sua perceção os idosos são pessoas que possuem **capacidades**. Fernandes-Eloi e colaboradores (2019) afirmam que o preconceito contra idosos está presente nas sociedades ocidentais e no mundo laboral. As pessoas mais velhas são vistas como ultrapassadas, pouco competentes e menos flexíveis no que diz respeito ao trabalho. Os idosos podem possuir competência associadas à experiência de uma vida, tais como lealdade, compromisso, liderança e experiência acumulada (Teixeira e Andrade, 2020). Não é pelo facto de a pessoa estar na fase da velhice que deixa de ter capacidades e de conseguir cuidar e zelar pela sua própria vida (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016). Os entrevistados fizeram ainda referência ao facto de uma das causas da pessoa ser ou não produtiva está relacionado com as **características pessoais** de cada um e não ao facto de o ser por ser idoso. Por outro lado, ainda na categoria da **produtividade**, os entrevistados referiram como causa das **incapacidades**, fatores como as doenças e a perda de mobilidade por terem idades avançadas. Este estigma está muito presente na sociedade, uma vez que esta encara as pessoas mais velhas considerando apenas a aparência física (Faller, et al., 2015).

Por fim, foi identificada a categoria da **preocupação**, onde se percebeu que a nível do grau de preocupação de cada geração, não foi percebida nenhuma maioria significativa em nenhuma das opções. Foi referido que os mais velhos têm **mais preocupações** do que os mais novos. Para os jovens, segundo Gonçalves e Barros (2008), as suas preocupações relacionam-se com emprego/situação económica e com as suas relações sociais/amigos. A concordância nesta subcategoria surge no facto de as preocupações dos jovens e as

preocupações das pessoas mais velhas serem percebidas como de natureza diferente de entre as preocupações mencionadas, a mais referida foi a preocupação com **a família**. Segundo Landry-Meyer & Newman (2004, como citado em Souza et al., 2018), os avós que não necessitam de ter a responsabilidade de cuidar dos netos, vivem os seus papéis de avós de uma forma mais afetiva. Para Dias e Silva (2001, como citado em Dias & Silva, 2003), os avós são os principais agentes de socialidade para as crianças, logo a seguir aos pais, contribuindo estes com uma grande fatia da sua relação familiar. Segundo o estudo de Dutra e Mendes (2009), os avós contribuem de forma positiva para a saúde dos netos, uma vez que promovem estilos de vida saudáveis junto deles e são muito preocupados em promover um bom crescimento dos netos. Segundo Lima e colaboradores (2004), dentro das preocupações que os idosos referem, a que se destaca é a preocupação relacionada com a própria saúde, seguindo de preocupações de caráter financeiro; estas foram pouco identificadas/percebidas pelos jovens entrevistados. Também foi mencionado pelos entrevistados a **sobrevalorização da preocupação**, afirmando que os mais velhos por vezes se preocupam com coisas, que na opinião dos entrevistados, são desnecessárias.

Questão 2. Quais as crenças/ideias que os jovens têm acerca dos mais velhos?

Sobre as crenças que os jovens têm sobre as pessoas mais velhas, pretendeu-se explorar o tipo de ideias os jovens desenvolveram sobre pessoas mais velhas e que tipo de estereótipos identificavam. Assim surgiram quatro categorias, sendo elas a (1) *marginalização*, a (2) *heterogeneidade*, o (3) *idadismo* e a (4) *fase da vida* da pessoa idosa.

Relativamente à primeira categoria, os entrevistados expressaram a opinião que tinham sobre a **marginalização** dos mais velhos. Afirmaram que os mais velhos são marginalizados pela sociedade, sendo notório entre os entrevistados que a marginalização nas pessoas mais velhas é uma realidade, sendo a **marginalização percebida** mais mencionada pelos jovens. Segundo Rocha Silva (2017), associa-se à marginalização a ideia de que o idoso é incapaz e pouco produtivo, acrescentando a ideia de doença. Para os entrevistados esta marginalização acontece mais em **contexto social**, existindo pouca referência à marginalização em **contexto familiar**. A marginalização, apesar de ser algo coletivo, pode intensificar-se com as atitudes de cada pessoa de forma individual (Almeida & Lourenço, 2009). Para os entrevistados, a marginalização contra as pessoas

mais velhas surge nos jovens e nos adultos, sendo que a **marginalização por parte dos jovens** mais vezes referida. Segundo Ferreira-Alves e Novo (2006), em Portugal, os idosos sentem que a discriminação com base na idade faz parte do quotidiano, referindo aqueles autores que grande já viveram atitudes discriminatórias.

Na categoria referente à **heterogeneidade** da pessoa idosa, todos os entrevistados concordaram que a pessoa mais velha não partilha características estanques com a sua faixa etária. Segundo Barata (2010, como citado em Santos, 2013), as pessoas mais velhas não são todas iguais, até porque à medida que se envelhece, cada pessoa torna-se mais única e com características cada vez mais específicas. É o acumular de acontecimentos de vida que torna as pessoas diferentes, incluindo ainda a maneira como cada pessoa se adapta às mudanças que vai vivenciando. Dentro desta categoria emergiram como subcategorias a **mentalidade** e a **experiência de vida**, com um intuito de justificar o motivo de as pessoas idosas serem diferentes umas das outras. Como referido no relatório da APAV (2020), as pessoas mais velhas são um grupo onde as pessoas que fazem parte desse grupo são diferentes entre si, como qualquer outro grupo de outra etapa da vida. Ou seja, são diferentes desde a própria idade à personalidade, passando pelas experiências de vida. Segundo Barroso (2014), as pessoas mais velhas são pessoas adultas que são diferentes entre si

A nível da categoria relacionada com o **idadismo**, pode-se verificar que nenhum dos entrevistados ouviu falar em nenhum estereótipo específico da idade, sendo o conceito **idadismo desconhecido** para os mesmos. Segundo Marques (2016), o idadismo em Portugal está mais ligado à discriminação com as pessoas mais velhas e afeta principalmente as relações interpessoais, podendo ter o isolamento social como consequência. Pode-se também verificar que os entrevistados quando lidam com pessoas mais velhas optam por um **comportamento diferente**, sendo a **forma de comunicar** um tipo de comportamento referido. Segundo Loewenhaupt e Iglesias (2018), o preconceito poderá influenciar o comportamento das pessoas, levando a que tenham determinadas atitudes e que, depois, originem diferentes opiniões de pessoa para pessoa. Para os entrevistados este comportamento diferenciado com as pessoas mais velhas parece ter tanto um cariz **positivo**, como **negativo**. Segundo Villas-Boas e colaboradores (2017), os estereótipos negativos mais atribuídos pelos jovens aos idosos são: mente fechada, inativos, solidários, críticos e intolerantes. Já os estereótipos positivos são: disponíveis, bons ouvintes, calmos, com sabedoria e experiência de vida e ativos. Importa referir ainda que, segundo os entrevistados a forma como os jovens lidam com as pessoas mais velhas

parece estar ligada ao **respeito** que os jovens possuem sobre a terceira idade. Segundo Kemp (2005, como citado em Barros, 2019), os netos descrevem a relação que tem com os avós como uma relação onde existe amor incondicional, respeito, amizade e confiança. Para Peixoto (2015), apesar do aumento da facilidade de comunicação através das novas tecnologias, esta não significa que exista uma boa relação de comunicação e proximidade. Isto depende sim da própria dinâmica da relação e não ao acesso e facilidade dos meios de comunicação. Por outro lado, os avós e netos, tem formas diferentes de ver as relações, muito também graças à distância da fase de vida em que cada geração se encontra. Segundo Drew & Silverstein (2007, como citado em Barros, 2019), uma boa relação entre netos e avós permitir uma maior reciprocidade entre ambas as relações, ou seja, permitiu uma maior compreensão e partilha de momentos mais igualitárias entre as duas gerações.

Por fim, surge a categoria relacionada com a *fase da vida*, onde os entrevistados referiram maior número de aspetos negativos do que positivos. A **ausência de rede social** foi o aspeto mais referido pelos participantes. Diretamente relacionado foi referida também a **solidão**. Para alguns participantes estes aspetos negativos parecem estar ligados à **opção da família**. Os entrevistados também referenciam que era uma **fase da vida triste**. Como descrito no livro de Ana Catarina André, ‘Os pombos da senhora Alice’, o afastamento das relações entre os mais jovens e os idosos dentro das próprias famílias leva a que na sociedade em geral os mais jovens também mantenham o distanciamento com as gerações mais velhas, como se se tratasse de um comportamento ‘espelho’ (APAV, 2020). Segundo Villas-Boas e colaboradores (2017) existem várias razões para tal facto acontecer. Entre elas as mudanças nas famílias ou as mudanças dos papéis sociais. Por outro lado, alguns dos entrevistados referenciaram a **felicidade** com aspeto positivo, bem como a **presença da família** como fator fundamental para o bem-estar das pessoas mais velhas. Segundo Cupertino e colaboradores (2007), a envolvência da pessoa idosa com a família é positiva uma vez que a rede da família é um suporte e um apoio para a pessoa idosa. Acrescentando, ainda, que para a pessoa idosa a família representa também uma preocupação com os elementos da família sobre como estão e sobre o seu bem-estar. Portanto, a presença da família é uma influência positiva no bem-estar do idoso. Para Andrade (2003, como citado em Magnabosco-Martins & et al, 2009), a presença da família é um elemento muito importante para o bem-estar e satisfação com a vida da pessoa idosa.

Questão 3. Que influência têm os estereótipos idadistas nas relações intergeracionais?

Para finalizar, tentou-se perceber de que forma os estereótipos idadistas influenciavam as relações entre as duas gerações, segundo a visão dos jovens. Neste âmbito, foram identificadas quatro subcategorias. Verificou-se que grande parte dos entrevistados referiu que o **distanciamento geracional estava muito presente** na sociedade. Segundo Vieira e Pimentel (2016), a ligação entre os jovens e as pessoas mais velhas muitas vezes advém da falta de frequência do contacto entre as gerações em espaços comuns e em contextos sociais semelhantes.

Na sua maioria, os entrevistados referiram que tal distanciamento acontece devido ao **avanço tecnológico** que faz com que esta distância ganha maior repercussão. Segundo Martins e Santos (2008), as tecnologias recentes e por sua vez a dificuldade de adaptação a estas tecnologias, que estão sempre em constante mudança, faz com que exista uma maior dificuldade de aproximação social, incluindo entre estas duas gerações. Foi também referida como causa desse distanciamento a **diferença de mentalidades** de ambas as gerações. Foi ainda referido pelos entrevistados a importância das pessoas se identificarem mais com o grupo da sua idade sendo identificadas as **diferenças de grupo geracional**. Tanto jovens entre jovens, como idosos entre idosos, apontando tal fator como causa de um maior distanciamento geracional. Segundo Peixoto (2015), os avós e netos têm formas diferentes de ver as relações, muito também graças à distância da fase de vida em que cada geração se encontra. Para Villas-Boas e colaboradores (2017), a separação das gerações é uma realidade cada vez mais presente nas sociedades contemporâneas e um dos motivos principais para isso acontecer é a falta de conhecimento entre as gerações. Esta falta de conhecimento leva, por sua vez, ao aumento de atitudes negativas.

Os entrevistados referiram ainda que existem benefícios para ambas as gerações, mencionando que tal acontece devido à partilha de conhecimentos, referindo que seria importante para o bem-estar das pessoas mais velhas o **convívio intergeracional**. Segundo Goldani (2010), a passagem de conhecimento e de educação por parte das várias gerações é um elemento fundamental para a ligação das várias gerações, acabando por dar novas oportunidades de aprendizagens. Nas relações intergeracionais existem, assim, benefícios para cada uma das partes. Para os mais velhos, existe a oportunidade de se sentirem úteis ao passarem os seus conhecimentos, os seus saberes e o papel de estarem a ensinar algo. Para os mais jovens, existe a oportunidade de lidar com a geração mais

velha, desmitificar os estereótipos que tinham dos mais velhos como sendo pessoas incapazes e sem valor (Pimentel, Lopes, & Faria, 2016).

V. CONCLUSÃO E LIMITAÇÕES

Este estudo pretendeu compreender de que forma os estereótipos idadistas influenciam as relações entre os jovens e as pessoas mais velhas. Os resultados obtidos nesta investigação vão ao encontro do que é encontrado na literatura, relativamente às perspetivas que os jovens têm sobre os idosos. É importante ressaltar ligações importantes entre as várias dimensões, como por exemplo a perceção sobre a pessoa mais velha e as características que os jovens mais evidenciam, bem como a compreensão do tipo de perceção que possuem sobre as relações intergeracionais.

Assim, através das respostas dos entrevistados, foi possível perceber que os estereótipos negativos mais presentes são de cariz psicológico e físico. Atribuem também a capacidade de serem produtivos, onde realizam as suas atividades domésticas, fazendo também referência a serem pessoas com experiências e com sabedoria adquirida ao longo da vida. Conclui-se assim que, tal como afirma Andrade (2014), os jovens olham para os idosos como pertencentes a uma fase da vida que tem ganhos (como a experiência e sabedoria), mas também variadas situações de perda (como doença, incapacidade física e alterações corporais). Importa ainda referir que a construção da imagem dos jovens sobre a velhice parece estar fortemente ligada ao facto de os jovens participantes conviverem com os seus avós. Esta influência poderá prender-se ao facto da figura de avó/avô ser uma figura de referência (Santos, et al., 2011).

Foi possível também perceber que, para os participantes neste estudo, apesar de desconhecerem o conceito de idadismo, existe o consenso de que há um afastamento entre as gerações. Assim, para estes jovens, o afastamento intergeracional acontece devido às diferenças entre gerações a nível de interesses, atribuindo como uma das principais causas a evolução da tecnologia, não compreendendo que ao possuir crenças erradas sobre os mais velhos podem também gerar esta separação. O agravar do distanciamento entre os mais jovens e os mais velhos começa dentro das próprias famílias e leva a que, na sociedade em geral, os mais jovens mantenham este afastamento com as gerações mais velhas, como se de um comportamento “espelho” se tratasse (APAV, 2020). Por outro lado, segundo Martins e Santos (2008), a dificuldade de adaptação a estas tecnologias, faz com que exista uma maior dificuldade de aproximação social entre estas duas gerações.

Ainda que este estudo tenha ido ao encontro da literatura, no que toca aos seus resultados, percebemos algumas limitações, tais como: o guião de entrevista semiestruturado apresentava naturezas distintas e resultou num conteúdo muito variado com um número reduzido de entrevistados; por outro lado, e considerando o contexto pandémico pela COVID-19, as entrevistas foram realizadas via online, podendo dificultar a interpretação do não verbal e o controlo de variáveis contextuais (ambiente, qualidade do som, fatores distratores). Procurámos colmatar estes fatores através da orientação na recolha de dados com a investigadora principal, mantendo uma boa qualidade na ligação online e garantindo espaço e flexibilidade no tempo da entrevista.

Por fim, poderá ser interessante explorar este tema com uma amostra mais heterogénea a nível de participantes, por exemplo no que diz respeito ao contacto com a geração mais velha – por exemplo comparar a perceção de jovens que convivem com avós e os que não convivem. Consideramos importante, também, explorar de forma mais aprofundada as subcategorias que surgiram com maior relevância numa amostra com um maior número de participantes.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, V. F. F., Soares, T. B., dos Anjos, A. F. S., Paz, J. V. C., Amorim, J. A., Torres, M. C. S., & Rangel, G. B. (2019). A intergeracionalidade entre idosos e adolescentes na busca da desconstrução de estereótipos na velhice: relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (23), e413-e413.
- Aires, L. (2011). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Lisboa: Universidade Aberta.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2009). Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 6(2).
- Andrade, D. A. D. (2014). *Representações sociais de velhice por diferentes grupos etários: Analisando estruturas e processos* (Master's thesis, Universidade Federal de Pernambuco).
- André, A. C. (2020). *Os Pombos da Senhora Alice: Um retrato sobre os idosos*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- APAV (2020). *Relatório Portugal Mais Velho - por uma sociedade onde os direitos não têm idade*. APAV, Lisboa.
- Barreiro, C. P. S. (2013). A institucionalização do idoso no concelho limiano. Projeto de Graduação, Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto, Portugal.
- Barros, K. C. D. (2019). Oficinas pedagógicas para comunicação intergeracional entre idosos e jovens. Programa de Mestrado Profissional em Gerontologia, Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
- Barroso, R. A. D. (2014). Há direitos dos idosos. *Revista Julgar*, (22). [Consultado a 27.11.2020]. Disponível em <http://julgar.pt/wp-content/uploads/2014/01/07-Renato-Barroso.pdf>
- Bertoldo, R. B., & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF*, 11(2), 229-237.

- Borges, A. M. F., Brignol, P., Schoeller, S. D., & Bonetti, A. (2012). Percepção das pessoas com lesão medular sobre a sua condição. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(3), 119-125.
- Castro, G. G. (2016). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553*, (31).
- Coelho, C. I. L. D. S. (2017). Envelhecimento e saúde em Portugal. Práticas e desafios num cenário de aumento da população idosa (1974-2031).
- Corrêa, A. M. S. (2007). Insegurança alimentar medida a partir da percepção das pessoas. *Estudos avançados*, 21(60), 143-154.
- Cupertino, A. P. F. B., Rosa, F. H. M., & Ribeiro, P. C. C. (2007). Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20, 81-86.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista brasileira de educação*, (24), 40-52.
- Dias, D. D. S. G., da Silva Carvalho, C., & de Araújo, C. V. (2013). Comparação da percepção subjetiva de qualidade de vida e bem-estar de idosos que vivem sozinhos, com a família e institucionalizados. *Revista brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(1), 127-138.
- Dias, C. M. D. S. B., & Silva, M. A. S. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em estudo*, 8, 55-62.
- Dutra, H. M. D. S. M., & Mendes, O. (2009). *O papel das avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos* (Doctoral dissertation).
- Faller, J. W., Teston, E. F., & Marcon, S. S. (2015). A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. *Texto & Contexto Enfermagem*, 24(1), 128-137.

- Fernandes-Eloj, J., Dias, M. D. F., Nunes, T. R. T., & de Sousa Silva, A. M. (2019). Afetos e percepções de idosos universitários acerca do mercado de trabalho na velhice. *Revista Kairós: Gerontologia*, 22(1), 249-271.
- Ferreira-Alves, J., & Novo, R. F. (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6(1), 65-77. [Consultado a 22.11.2020]. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/337/33760105.pdf>
- Fonseca, A. M. (2016). Fundamentos psicológicos para um envelhecimento ativo. In: Pimentel, L., Lopes, S. M., & Faria, S. (Orgs). *Envelhecendo e Aprendendo: Aprendizagem ao Longo da Vida no Processo de Envelhecimento Ativo*. 19-44.
- Furlani, D. D., & Bomfim, Z. Á. C. (2010). Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 50-59.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA.
- Goldani, A. M. (2010). Desafios do "preconceito etário" no Brasil. *Educação & Sociedade*, 31(111), 411-434.
- Gonçalves, M. I., & Barros, L. (2008). Inventário de preocupações e valorizações para jovens: Contributo para a avaliação das atribuições de preocupação e importância a áreas da vida de jovens na fase de transição para a adultícia. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 2(26), 141-166.
- Hoffmann, V. E., & Farias, J. S. (2018). Saturação teórica em pesquisas qualitativas: relato de uma experiência de aplicação em estudo na área de administração. *Revista de Ciências da Administração*, 20(52), 40-53.
- Irigaray, T. Q., & Schneider, R. H. (2007). Características de personalidade e depressão em idosas da Universidade para a Terceira Idade (UNITI/UFRGS). *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 29(2), 169-175.

- Lima Argimon, I. I., Stein, L. M., de Freitas Xavier, F. M., & Trentini, C. M. (2004). O impacto de atividades de lazer no desenvolvimento cognitivo de idosos. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 1(1).
- Lima, J. L. O., & Manini, M. P. (2016). Metodologia para análise de conteúdo qualitativa integrada à técnica de mapas mentais com o uso dos softwares Nvivo e Freemind. *Informacao & informacao*, 21(3), 63-100.
- Lima, A. K., & Vieira, S. F. (2019). A relação entre habilidades cognitivas e os diversos tipos de preconceitos. Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica
- Loewenhaupt, R. R. S., & Iglesias, F. (2018). Perspectivas da Cognição Social Implícita para Redução do Preconceito. *Negócios em projeção*, 9(1), 278-286.
- Magalhães, C. P., Fernandes, A., Antão, C., & Anes, E. (2010). Repercussão dos estereótipos sobre as pessoas idosas. *Revista transdisciplinar de Gerontologia*, 7-16. [Consultado a 02.01.2021]. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/2606>
- Magnabosco-Martins, C. R., Vizeu-Camargo, B., & Biasus, F. (2009). Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Universitas Psychologica*, 8(3), 831-847.
- Marques, A. P. D. S. (2016). *A discriminação na velhice: a infantilização da pessoa idosa*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Serviço Social, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal. [Consultado a 02.01.2021]. Disponível em <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/7653>
- Martins, S. M. F. (2013). *A idade dos afetos: avaliação de necessidades de contacto intergeracional na Aldeia de Santa Isabel (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa)*. Dissertação de Mestrado, Escola de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. [Consultado a 26.11.2020]. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7654>
- Martins, R. M. L., & Santos, A. C. A. (2008). Ser idoso hoje. *Millenium*, (35), 5.

- Minayo, M. C. S. Introdução. In: Minayo, M. C. S.; Assis, S. G.; Souza, E. R. (Org.). Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.
- Neves, C. F. O. (2012). *Estereótipos sobre idosos: representação social em profissionais que trabalham com a terceira idade*. (Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Portugal).
- Pardal, L. A.; Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal.
- Paulos, R., & Pimentel, L. (2016). Ser ativo no ipl60+: um olhar sobre os motivos e os contributos na vida quotidiana dos estudantes seniores. In: Pimentel, L., Lopes, S. M., & Faria, S. (Orgs). *Envelhecendo e Aprendendo: A Aprendizagem ao Longo da Vida no Processo de Envelhecimento Ativo*. 129-164.
- Peixoto, R. (2015) A relação entre avós e netos. Efeitos no desenvolvimento vocacional, na construção de significados de trabalho e no auto-conceito académico dos netos. Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto.
- Pimentel, L., & Faria, S. (2016). O Programa IPL60+: um contexto privilegiado de intervenção social na promoção do envelhecimento ativo e das relações intergeracionais. In: Pimentel, L., Lopes, S. M., & Faria, S. (Orgs). *Envelhecendo e Aprendendo: A Aprendizagem ao Longo da Vida no Processo de Envelhecimento Ativo*. 101-128.
- Pimentel, L., Lopes, S. M., & Faria, S. (2016). *Envelhecendo e Aprendendo: A Aprendizagem ao Longo da Vida no Processo de Envelhecimento Ativo*.
- Rabelo, D. F., & Neri, A. L. (2014). A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. *Pensando famílias*, 18(1), 138-153. [Consultado a 26.11.2020]. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100012

- Resende, R. (2016). Técnica de investigação qualitativa: ETCl. *Journal of Sport Pedagogy & Research*, 2(1), 50-57.
- Rosa, M. J. V. (2012). *O envelhecimento da sociedade portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Rocha Silva, J. (2017). As relações entre o idoso e a eja: um processo de exclusão e inclusão. *Revista Científica Educ@ção*, 1(2), 265-282.
- Santos, I. S. D. (2013). *Envelhecimento ativo e características de personalidade em idosos portugueses*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal. [Consultado a 27.11.2020]. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/17185>
- Santos, V. B. D., Tura, L. F. R., & Arruda, A. M. S. (2011). As representações sociais de pessoa velha construídas por adolescentes. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14, 497-509.
- Silva, C. R., & Lopes, R. E. (2010). Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 17(2).
- Silva, D. S. P. (2011). *Solidariedade familiar intergeracional de adultos emergentes: análise da relação entre o apoio prestado e antecipado a pais e avós e variáveis demográficas e psicológicas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal. [Consultado a 26.11.2020]. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116588/2/297640.pdf>
- Souza, K. S., de Cerqueira Castro, J. L., de Araújo, L. F., & de Oliveira Santos, J. V. (2018). Representações sociais do envelhecimento: um estudo com avós idosas que cuidam dos netos e avós que não. *Ciências Psicológicas*, 12(2), 293-297.
- Souza, L. E. C., Maia, L. M., de Lima, T. J. S., Teixeira, S., & Neves, C. S. C. (2019). Repertórios discursivos de estudantes universitários sobre a discriminação contra idosos. *CIAIQ2019*, 2, 381-389.

- Teixeira, R. M., & de Andrade, V. L. P. (2020). O idoso na busca por um lugar no mercado de trabalho. *CADERNOS DE PSICOLOGIA*, 1(2).
- Teixeira, S. M., Marinho, F. X. S., Júnior, D. D. F. C., & Martins, J. C. (2015). Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 20(2).
- Torres, T. L. (2010). Pensamento social sobre envelhecimento, idoso e rejuvenescimento para diferentes grupos etários. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, SC, Brasil.
- Torres, T. L., Camargo, B. V., & Bousfield, A. B. S. (2016). Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1).
- Vieira, R. D. S., & Lima, M. E. O. (2015). Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. *Temas em Psicologia*.
- Vieira, M. & Pimentel, L. (2016). Relações intergeracionais: a arte de envelhecer aprendendo com os jovens. In: Pimentel, L., Lopes, S. M., & Faria, S. (Orgs). *Envelhecendo e Aprendendo: A Aprendizagem ao Longo da Vida no Processo de Envelhecimento Ativo*. 165-194.
- Villas-Boas, S., Ramos, N., Amado, J., Oliveira, A. L. D., & Montero, I. (2017). A redução de estereótipos e atitudes negativas entre gerações: o contributo da educação intergeracional. *Laplage em Revista*, 3, 206-220.

ANEXOS

Anexo 1: Quadro de objetivos e questões de investigação

Pergunta 1. A partir de quando é que uma pessoa se torna idosa? (grande categoria – 1.1. VELHICE)				
Perceção acerca do que torna a pessoa numa pessoa idosa. Esta categoria explora as características que os jovens associam a uma pessoa idosa.				
Código	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
1.1.1	IDADE	10	Esta categoria identifica os enunciados referentes ao fator idade.	<i>“Eu vou pela idade”</i>
1.1.2.	MUDANÇAS FÍSICAS	9	Esta categoria codifica os aspetos (nível físico) que os jovens associam à pessoa idosa.	<i>“ser uma pessoa idosa tem a ver com a tua capacidade de fazer as atividades do dia-a-dia”</i>
1.1.3	MENTALIDADE	3	Esta categoria codifica os aspetos (a nível da mentalidade) que os jovens associam à pessoa idosa.	<i>“mentalidade das pessoas”</i>
1.1.4.	CICLO DE VIDA	1	Esta categoria codifica a qual a perspetiva que o jovem tem da pessoa idosa num âmbito de ciclo de vida.	<i>“Uma pessoa se tratando bem, acho que vai estar melhor preservada”</i>
1.1.5.	DOENÇA	1	Esta categoria codifica as referencias que identifica a pessoa idosa relacionadas com a doença	<i>“não acho que tipo, sei lá, uma doença torne a pessoa idosa”</i>

Pergunta 2. Quando pensas numa pessoa idosa, que características te surgem primeiro lugar? (grandes categorias – 2.1. CARACTERÍSTICAS; 2.2. PERCEÇÃO PARTILHADA; 2.3. CONOTAÇÃO EMOCIONAL; 2.4. SATISFAÇÃO COM A VIDA; 2.5. INFLUÊNCIAS)

**Perceção acerca das características que o jovem tem sobre a pessoa idosa.
Esta categoria explora as características que os jovens associam a uma pessoa idosa.**

Código	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
2.1.1	Características BIOLÓGICAS/ FÍSICAS	8	Esta categoria codifica que característica biológicas surgem aos jovens quando pensam numa pessoa idosa.	<i>“Cabelo branco, corcunda, saia preta, bengala e camisa à velho, aquelas das risquinhas sem cor”</i>
2.1.2.	Características SOCIAIS	5	Esta categoria codifica quais as características sociais que os jovens associam a uma pessoa idosa.	<i>“uma pessoa que liga muito ao conhecimento e à cultura e a isso tudo” “pensamento muito agarrado ao que é antigo”</i>
2.1.3.	Características PSICOLÓGICAS	5	Esta categoria codifica quais as características psicológicas que os jovens associam a uma pessoa idosa.	<i>“várias experiências, com bastantes conhecimentos, que nos possam dar ensinamentos”</i>
2.2.1.	Perceção partilhada	6	Esta categoria codifica a forma como os jovens percebem a sua perceção em comparação aos outros jovens.	<i>“Acho que tem pessoas com opiniões parecidas à minha, porque alguns moram com os avós e os avós tem que andar de andorilho”</i>
2.2.2.	Perceção não partilhada	2	Esta categoria codifica a forma como os jovens não identificam a mesma perceção noutros jovens.	<i>“Talvez as pessoas à minha volta, pensem diferente. A minha perspectiva é assim”</i>
2.3.1.	Conotação emocional positiva	3	Esta categoria codifica os enunciados que fazem referencia à conotação emocional positiva.	<i>“eu falo dos avós, porque é como uma segunda família. Eles também estão sempre lá”</i>
2.3.2.	Conotação emocional negativa	3	Esta categoria codifica os enunciados que fazem referencia à conotação emocional negativa.	<i>“Aí não. As pessoas que não tem paciência”</i>

2.4.1.	Satisfação com a Vida Passada	4	Esta categoria codifica os enunciados relacionados com a satisfação com a vida passada das pessoas idosas.	<i>“numa pessoa com conhecimento”</i>
2.5.1.	Influências família	3	Esta categoria codifica a forma com a família influencia na percepção que os jovens têm sobre as pessoas mais velhas.	<i>“como eles lidam com a vida e é o facto de eu conviver com eles”</i>

Pergunta 3 - Onde achas que a maior parte dos idosos vivem? (Grandes categorias: 3.1 – habitação; 3.2. atividades; 3.3. modificadores)				
Percepção acerca de como vivem as pessoas idosas. Esta categoria explora qual a percepção que os jovens têm em relação ao tipo de habitação da pessoa idosa.				
Código	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
3.1.1.	Habitação - casa	9	Esta categoria codifica os enunciados referentes à habitação em casa.	<i>“vivem em casas”</i>
3.1.2.	Habitação – ERPI	6	Esta categoria codifica os enunciados referentes à habitação em ERPI.	<i>“se tiverem com a família, mas se a família não for presente, o melhor lugar para eles é o Lar”</i>
3.1.3.	Habitação - com família	2	Esta categoria codifica os enunciados referentes à habitação em casa, junto com a família.	<i>“Eu acho que nas casas, se eles tiverem a sua família, eu acho que é perfeito. Porque eles têm aquele sentimento de amor, e de abraçar e de aconchego”</i>
3.2.1.	Atividades – vazio	5	Esta categoria codifica os enunciados referentes à ausência de atividades e ao vazio.	<i>“fechados em casa mesmo e aborrecidos”</i>
3.2.2.	Atividades - ler	2	Esta categoria codifica os enunciados relativos às atividades de ler.	<i>“Que leem”</i>

3.2.3.	Atividades – rezar	1	Esta categoria codifica os enunciados relativos às atividades de rezar.	<i>“que rezam, pois, a juventude deles foi uma juventude bem religiosa”</i>
3.2.4.	Atividades - ver tv	4	Esta categoria codifica os enunciados relativos às atividades de ver televisão.	<i>“programas de televisão”</i>
3.2.5.	Atividades – jogar	2	Esta categoria codifica os enunciados relativos às atividades de jogar.	<i>“ou a brincar”</i>
3.2.6.	Atividades – convívio	1	Esta categoria codifica os enunciados relativos às atividades de convívio.	<i>“cafés e assim, conviver um bocado com outras pessoas”</i>
3.2.7.	Atividades - tarefas domésticas	15	Esta categoria codifica os enunciados relativos às tarefas domésticas.	<i>“cuidar do seu jardim”; “assuntos de casa”</i>
3.2.8.	Atividades - Centro Social	2	Esta categoria codifica os enunciados relativos à ida para o Centro Social.	<i>“ter acompanhamento e ir para um centro, um centro social, onde ele ia estar com outras pessoas, conviver”</i>
3.3.1.	Modificadores - dificuldades económicas	1	Esta categoria codifica o tipo de modificadores a nível de dificuldades económicas.	<i>“não tem grandes reformas”</i>
3.3.2.	Modificadores – pandemia	1	Esta categoria codifica o tipo de modificadores a nível da pandemia.	<i>“pandemia”</i>

Pergunta 4 - Concordas que a maioria das pessoas com mais de 65 anos são inativas e pouco produtivas? (Grande categoria: 4.1 – Produtividade)

Perceção acerca da produtividade das pessoas idosas.
Esta categoria explora qual a perceção que os jovens sobre a produtividade/capacidade da pessoa idosa.

Código	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
4.1.1.	Produtividade: capacidade	17	Esta categoria codifica os enunciados relativos ao nível de capacidade.	<i>“não concordo (...) a horta, planta, tem os animais, tudo”</i>
4.1.2.	Produtividade: incapacidade	8	Esta categoria codifica os enunciados relativos ao nível de incapacidade.	<i>“aspectos físicos, o corpo deles já não permitir fazer algumas atividades”</i>

4.1.3	Produtividade: características pessoais	3	Esta categoria codifica os enunciados relativos ao nível da produtividade com base nas características pessoais.	<i>“As pessoas só são aquilo que são dependendo delas”</i>
-------	---	---	--	--

Pergunta 5 - Achas que as pessoas mais velhas vivem mais ou menos preocupações que as mais novas?
(Grande categoria: 5.1 – preocupação)

Perceção acerca do tipo de preocupações das pessoas idosas.
Esta categoria explora qual a perceção que os jovens têm sobre o tipo de preocupações das pessoas idosas.

Código	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
5.1.1.	Preocupação menor	3	Esta categoria codifica os enunciados referentes à maior preocupação dos jovens em comparação com os mais velhos.	<i>“menos preocupações”</i>
5.1.2.	Preocupação maior	5	Esta categoria codifica os enunciados referentes à maior preocupação dos idosos em comparação com os mais jovens.	<i>“Mais preocupadas”</i>
5.1.3.	Preocupação equivalente	2	Esta categoria codifica os enunciados referentes à equivalência na preocupação.	<i>“Sim, todos tem preocupações, mas diferentes”</i>
5.1.4.	Preocupação com a solidão	1	Esta categoria codifica os enunciados referentes à preocupação com a solidão.	<i>“tiverem em casa sozinhos”</i>
5.1.5.	Preocupação com a família	14	Esta categoria codifica os enunciados referentes à preocupação com a família.	<i>“preocupar-se mais com os netos e com os filhos”</i>
5.1.6.	Preocupação com os amigos	1	Esta categoria codifica os enunciados referentes à preocupação com os amigos.	<i>“Com os amigos, que eles também têm amigos, acho que é isso”</i>

5.1.7.	Preocupação com a doença	1	Esta categoria codifica os enunciados referentes à preocupação com a doença.	<i>“terem que tomar as medicações”</i>
5.1.8.	Preocupação com as finanças	2	Esta categoria codifica os enunciados referentes à preocupação com as finanças.	<i>“preocupação de pagar as contas e caso a reforma não chegue ainda tem essas preocupações”</i>
5.1.9.	Preocupação sobrevalorizada	3	Esta categoria codifica os enunciados referentes à sobrevalorização dos mais velhos.	<i>“preocupações que para nós achamos que são desnecessárias”</i>

Pergunta 6 - Na tua opinião, as pessoas mais velhas são marginalizadas pela sociedade? Postas à margem, postas de lado? (grande categoria – 6.1. marginalização)

Perceção acerca da marginalização das pessoas idosas.
Esta categoria explora qual a perceção que os jovens têm sobre a marginalização da pessoa idosa.

Códigos	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
6.1.1.	Marginalização percebida	13	Esta categoria codifica enunciados referentes à marginalização percebida pelos jovens.	<i>“está velho já não faz nada”</i>
6.1.2.	Marginalização não percebida	3	Esta categoria codifica enunciados referentes à marginalização não percebida pelos jovens.	<i>“não, não são marginalizados”</i>
6.1.3.	Marginalização em contexto social	13	Esta categoria codifica o tipo de marginalização no contexto social.	<i>“sociedade quer viver o dia-a-dia muito apressado”</i>
6.1.4.	Marginalização em contexto familiar	2	Esta categoria codifica o tipo de marginalização no contexto familiar.	<i>” “filhos deixarem os pais sozinhos, quando eles precisam de atenção e cuidados”</i>

6.1.5.	Marginalização pelos jovens	4	Esta categoria codifica enunciados referentes à maior marginalização pelo grupo social dos jovens.	<i>“mais os jovens”</i>
6.1.6.	Marginalização pelos adultos	1	Esta categoria codifica enunciados referentes à maior marginalização pelo grupo social dos adultos.	<i>“mais pelos adultos”</i>
6.1.7.	Marginalização por dificuldade de adaptação	1	Esta categoria codifica enunciados relativos à marginalização por dificuldade de adaptação dos mais idosos.	<i>“sociedade naquela altura era diferente, as mentalidades eram diferentes, se calhar sentem que vão entender tão bem aquilo que se está a passar neste momento para as nossas idades e as nossas situações”</i>
6.1.8.	Marginalização por atitude negativa	2	Esta categoria codifica enunciados relativos ao tipo de atitude negativa como marginalização.	<i>“pessoal idoso a cabeça deles já não funciona como se fosse mais novo e acabam por se aproveitar disso”</i>

Pergunta 7 - Vou te dizer uma frase e tu vais me dizer se concordas ou não: "os idosos são todos iguais" (grande categoria – 7.1. VELHICE)

Perceção acerca da heterogeneidade/homogeneidade das pessoas idosas.
Esta categoria explora qual a perceção que os jovens têm sobre a heterogeneidade/homogeneidade da pessoa idosa.

Códigos	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
7.1.1.	Heterogeneidade	18	Esta categoria codifica enunciados referentes à heterogeneidade da pessoa idosa.	<i>“todos os seres humanos são únicos, são singulares, são diferentes.”</i>
7.1.2.	Mentalidade	8	Esta categoria codifica enunciados relativos à mentalidade da pessoa idosa.	<i>“cada um pensa de forma diferente”</i>
7.1.3.	Experiência de vida	2	Esta categoria codifica enunciados relativos à experiência da pessoa idosa.	<i>“cada um tem a sua experiência de vida”</i>

Pergunta 8 - Já ouviste falar de algum tipo de estereótipo relacionado com a idade? (grande categoria – 8.1. idadismo)				
Perceção acerca do conceito de Idadismo e dos estereótipos relacionados com a pessoa idosa. Esta categoria explora qual a perceção que os jovens têm sobre o idadismo e a perceção sobre as atitudes de cariz idadista.				
Códigos	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
8.1.1.	Idadismo - desconhecimento	9	Esta categoria codifica enunciados relacionados com o desconhecimento do conceito de Idadismo.	<i>“nunca ouvi falar”</i>
8.1.2.	Atitudes idadistas	9	Esta categoria codifica enunciados que relatam atitudes idadistas.	<i>“Chegam àquela idade e são mais teimosos”</i>
8.1.3.	Outros estereótipos	5	Esta categoria codifica enunciados relativos a outro tipo de estereótipos.	<i>“As rugas acabam por ser um estereótipo”</i>

Pergunta 9 - Vou te dizer mais uma frase e tu vais me dizer se concordar ou não: "O nosso comportamento face às outras pessoas é diferente consoante a idade delas" (grande categoria – 9.1. comportamento face à idade)				
Perceção acerca do tipo de comportamento com as pessoas idosas. Esta categoria explora qual a perceção que os jovens têm sobre os tipos de comportamentos que existem com as pessoas idosas.				
Código	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
9.1.1.	Comportamento igual	2	Esta categoria codifica enunciados relativos a comportamentos igualitários entre outras pessoas e as pessoas idosas.	<i>“No meu caso eu falo igual”</i>

9.1.2.	Comportamento diferente	8	Esta categoria codifica enunciados relativos a comportamentos diferenciados entre outras pessoas e as pessoas idosas.	<i>“é normal que eu tenha um tom mais sério, mais seguro”</i>
9.1.3.	Comportamento positivo	5	Esta categoria codifica enunciados relativos aos tipos de comportamentos de cariz positivo perante a pessoa idosa.	<i>“mais afáveis”</i>
9.1.4.	Comportamento negativo	5	Esta categoria codifica enunciados relativos aos tipos de comportamentos de cariz negativo perante a pessoa idosa.	<i>“com pouca paciência”</i>
9.1.5.	Comportamento de ajuda/interação	1	Esta categoria codifica enunciados relativos a comportamentos de ajuda e de interação perante a pessoa idosa.	<i>“sensibilidade diferente”</i>
9.1.6.	Comportamento de respeito	5	Esta categoria codifica enunciados relativos a comportamentos de respeito perante a pessoa idosa.	<i>“Nós respeitamos um mais velho, do que um mais novo”</i>
9.1.7.	Forma de comunicar	4	Esta categoria codifica enunciados relativos à forma de comunicar com a pessoa idosa.	<i>“mas tentando falar de uma forma mais fofo e agradável para eles”</i>

Pergunta 10 - Concordas que a velhice é uma fase da vida mais triste e solitária? (grande categoria – 10.1. fase da vida)				
Percepção acerca das características presentes na fase da vida da velhice. Esta categoria explora qual a percepção que os jovens têm sobre a fase da velhice ser mais triste e solitária.				
Códigos	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
10.1.1.	Fase da vida triste	6	Esta categoria codifica enunciados relativos à concordância de a fase da vida das pessoas idosas ser uma fase triste.	<i>“se calhar concordo de eles serem mais triste”</i>
10.1.2.	Fase da vida solitária	8	Esta categoria codifica enunciados relativos à concordância de a fase da vida das pessoas idosas ser uma fase solitária.	<i>“Para a maior parte dos idosos sim, por estão sozinhos”</i>
10.1.3.	Fase da vida feliz	5	Esta categoria codifica enunciados relativos à concordância de a fase da vida das pessoas idosas ser uma fase feliz.	<i>“ser umas pessoas muito felizes e de bem com a vida”</i>
10.1.4.	Ausência de rede social	13	Esta categoria codifica enunciados relativos à concordância de a fase da vida das pessoas idosas ser uma fase onde existe ausência de rede social.	<i>“nenhum idoso prefere assim, porque um ser humano é caracterizado por comunicar e relacionar-se com o que estão à sua volta”</i>

10.1.5.	Presença de rede social	3	Esta categoria codifica enunciados relativos à concordância de a fase da vida das pessoas idosas ser uma fase onde existe presença de rede social.	<i>“interessa na idade deles são os filhos, passear com eles e mais nada”</i>
10.1.6.	Solitária por opção própria	1	Esta categoria codifica enunciados referentes à solidão da pessoa idosa como sendo uma opção própria.	<i>“há pessoas que querem sempre tentar manter contactos e manter as relações e outras que até aceitam e ficam assim”</i>
10.1.7.	Solitária por opção da família	8	Esta categoria codifica enunciados referentes à solidão da pessoa idosa como sendo uma opção da família.	<i>“nem a família se importa com eles”</i>
10.1.8.	Presença familiar	5	Esta categoria codifica enunciados relacionados à presença familiar na fase da velhice.	<i>“mas se nós estivermos rodeados da nossa família acho que não tem de ser solitária”</i>

Pergunta 11. Vou te dizer uma frase e tu vais me dizer se concordas ou não: "A separação das gerações é uma realidade cada vez presente na sociedade contemporânea" (grande categoria – 11.1. **distância geracional**)

Perceção acerca da separação das gerações mais novas e das mais velhas. Esta categoria explora qual a perceção que os jovens têm o distanciamento geracional da pessoa idosa com o jovem.

Códigos	Designação das categorias	Nº de referências da categoria na entrevista	Descrição	Unidade de registo (exemplo)
11.1.1	Distância geracional presente	22	Esta categoria codifica enunciados relativos à presença de distanciamento geracional entre jovens e pessoas idosas.	<i>“os meus avós são de uma geração, a minha mãe é de outra também e eu sou de outra e temos as nossas diferenças”</i>

11.1.2.	Distância geracional problemática	1	Esta categoria codifica enunciados relativos à problemática do distanciamento geracional entre jovens e pessoas idosas.	<i>“acho que as pessoas agora se querem ver mais livres e só pensam nelas”</i>
11.1.3.	Distância geracional por mentalidade	4	Esta categoria codifica enunciados relativos ao distanciamento geracional motivado pela diferença de mentalidades.	<i>“os padrões de mentalidade e de pensamentos que existiam talvez na época deles, na época de juventude, agora estão a ser totalmente alterados”</i>
11.1.4.	Distância geracional por diferenças de grupo geracional	7	Esta categoria codifica enunciados relativos ao distanciamento geracional motivado pelas diferenças dos dois grupos geracionais.	<i>“as pessoas se ligam mais em termos de pessoas que tem a mesma idade”</i>
11.1.5.	Distância geracional por causa do avanço tecnológico	7	Esta categoria codifica enunciados relativos ao distanciamento geracional motivado pelo avanço tecnológico.	<i>“viveram num tempo em que a tecnologia não era tão avançada”</i>
11.1.6.	Distância geracional por causa da pandemia	2	Esta categoria codifica enunciados relativos ao distanciamento geracional motivado pela pandemia.	<i>“Principalmente agora por causa do Covid”</i>
11.1.7.	Benefícios do convívio geracional	6	Esta categoria codifica enunciados relativos aos benefícios do convívio entre as duas gerações.	<i>“Porque era bom para eles, que eles se sentiam mais confortáveis”</i>

Anexo 2: Guião de entrevista

O guião da entrevista foi elaborado com recurso à revisão da literatura, tendo a sua maioria influência na Escala op de Kogan (Atitudes face aos idosos, 1961, trad. Elisabete Nunes, 1995, como citado em Neves, 2012) e no Questionário para avaliação de conhecimentos em relação à velhice (Palmore-Neri-Cachioni, 2002 como citado em Neves, 2012).

Guião da entrevista:

1. A partir de quando é que uma pessoa se torna idosa?
(Tem a ver com a idade? Que idade? Ou tem a ver com mudanças físicas – rugas, por exemplo – ou com doenças – hipertensão, por exemplo?)
2. Quando pensa numa pessoa idosa, que características lhe surgem em primeiro lugar?
(O que faz ter essa perceção? Acha que mais gente pensa da mesma forma? Família ou amigos?)
3. Onde acha que a maior parte dos idosos vivem? E como passam o dia?
(Em casa? Em Lares com pessoas da sua idade? Será o melhor lugar para eles?)
4. Concorda que a maioria das pessoas com mais de 65 anos são inativas e pouco produtivas?
(Como é que as pessoas mais velhas se ocupam?)
5. Acha que as pessoas mais velhas vivem com mais ou com menos preocupações do que as pessoas mais novas?
(O que é que as preocupa?)
6. Na sua opinião, as pessoas mais velhas são marginalizadas pela sociedade?
(Em que situações? Porque será que isso acontece? Quem é que tem mais essa atitude de marginalização – os jovens, os adultos, ou os próprios idosos?)
7. “Os idosos são todos iguais”. Concorda com esta afirmação?
8. Já ouviu falar de algum tipo de estereótipos relacionado com a idade?
(Idadismo é uma palavra familiar?)
9. “O nosso comportamento face às outras pessoas é diferente consoante a idade delas?”. Concorda com esta afirmação?
(Como é que a idade das pessoas interfere no seu comportamento face a elas?)
10. Concorda que a velhice é a fase da vida mais triste e solitária?
(Se sim, acha que esse afastamento se deve à ausência da família ou porque são os próprios idosos que preferem estar sozinhos?)

11. “*A separação das gerações é uma realidade cada vez mais presente na sociedade contemporânea*”. Concorda com esta afirmação?

Referencia Bibliográfica:

Neves, C. F. O. (2012). *Estereótipos sobre idosos: representação social em profissionais que trabalham com a terceira idade*. (Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Portugal).

Jennifer Pereira

21 de Fevereiro de 2021

Anexo 3: Consentimento informado



CATOLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Eu, _____, concordo em colaborar na dissertação de mestrado “Perceção dos jovens sobre as pessoas mais velhas: influência dos estereótipos nas relações intergeracionais”, da aluna Jennifer Pereira, sob orientação do Professor Doutor António Fonseca, no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada, da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Católica Portuguesa de Braga. Declaro que fui informado(a) de todos os pormenores relativos à realização deste estudo, autorizando desta forma a gravação da entrevista em formato áudio, para posteriormente ser transcrita. Para todos os efeitos, as informações são totalmente confidenciais e serão unicamente utilizadas para fins de investigação neste estudo. A participação é voluntária.

Declaro que compreendi e aceito os termos acima descritos, sendo da minha livre vontade a participação neste estudo.

Agradeço a colaboração,

Aluna, _____

Participante, _____

Braga, ___/___/___

Anexo 4: Sistema de categorias

1. PERCEÇÃO SOBRE A VELHICE

- a. Velhice
 - i. Idade
 - ii. Mudanças físicas
 - iii. Mentalidade
 - iv. Ciclo de vida
 - v. Doença
- b. Características
 - i. Biológicas/físicas
 - ii. Sociais
 - iii. Psicológicas
 - iv. Percepção partilhada
 - v. Percepção não partilhada
 - vi. Conotação emocional positiva
 - vii. Conotação emocional negativa
 - viii. Satisfação com a vida passada
 - ix. Influência da família
- c. Habitação
 - i. Casa
 - ii. ERPI
 - iii. Com família
- d. Atividades
 - i. Vazio
 - ii. Ler
 - iii. Rezar
 - iv. Ver tv
 - v. Jogar
 - vi. Convívio
 - vii. Tarefas domésticas
 - viii. Centro social
- e. Produtividade

- i. Capacidade
 - ii. Incapacidade
 - iii. Características pessoais
- f. Modificadores
 - i. Dificuldades económicas
 - ii. Pandemia covid-19
- g. Preocupação
 - i. Menos preocupações
 - ii. Mais preocupações
 - iii. Equivalente
 - iv. Solidão
 - v. Família
 - vi. Amigos
 - vii. Doença
 - viii. Finanças
 - ix. Sobrevalorização

2. PERCECÇÃO SOBRE OS ESTEREÓTIPOS

- a. Marginalização
 - i. Percebida
 - ii. Não percebida
 - iii. Contexto social
 - iv. Contexto familiar
 - v. Jovens
 - vi. Adultos
 - vii. Dificuldades de adaptação
 - viii. Atitudes negativas expressas
- b. Heterogeneidade
 - i. Concordante
 - ii. Mentalidade
 - iii. Experiência de vida
- c. Idadismo
 - i. Desconhecimento
 - ii. Atitudes idadistas

- iii. Outros estereótipos
 - iv. Comportamentos semelhantes
 - v. Comportamentos diferentes
 - vi. Comportamentos positivos
 - vii. Comportamentos negativos
 - viii. Comportamentos de ajuda
 - ix. Comportamentos de respeito
 - x. Forma de comunicar
- d. Fase da vida
- i. Tristeza
 - ii. Solidão
 - iii. Felicidade
 - iv. Ausência de rede social
 - v. Presença de rede social
 - vi. Opção própria
 - vii. Opção da família
 - viii. Presença familiar

3. PERCEÇÃO SOBRE AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

- a. Distância geracional
- i. Presente
 - ii. Problemática
 - iii. Mentalidade
 - iv. Grupo geracional
 - v. Avanço tecnológico
 - vi. Pandemia
 - vii. Benefícios

Anexo 5: Descrição geral de categorias

Tema	Categoria	Subcategoria	N/Ref	Exemplos	
				Código	Excerto
<p>Percepção Sobre a Velhice</p> <p><i>“uma pessoa para se tornar idosa tem que mentalmente dizer ‘eu estou a ficar velho’”</i> (ent 9)</p>	Velhice	Idade	7/10	Entrevista 4	“A partir dos 60 anos”
		Mudanças físicas	6/9	Entrevista 7	“é como as pessoas estão a nível físico”
		Mentalidade	3/3	Entrevista 4	“O modo de pensar vai ser sempre o mesmo, eu acho”
		Ciclo de vida	1/1	Entrevista 7	“Uma pessoa se tratando bem, acho que vai estar melhor preservada”
		Doença	1/1	Entrevista 5	“não acho que tipo, sei lá, uma doença torne a pessoa idosa”
	Características	Biológicas/físicas	5/8	Entrevista 6	““os ossinhos dos velhos já estão um bocado frágeis e podem partir com qualquer coisa””
		Sociais	4/5	Entrevista 1	“pensam por ter vivido numa época completamente diferente, por serem gerações diferentes, que talvez não entendam as situações que passamos agora”
		Psicológicas	2/5	Entrevista 1	“depende de cada pessoa, depende muito do tipo de personalidade de cada um”
		Percepção partilhada	5/6	Entrevista 8	“Acho que tem pessoas com opiniões parecidas à minha”
		Percepção não partilhada	2/2	Entrevista 4	“Talvez as pessoas à minha volta, pensem diferente”
		Conotação emocional positiva	2/3	Entrevista 4	“É carinho”

		Conotação emocional negativa	2/3	Entrevista 5	“pensar de forma mais manhosa em relação a esses seres humanos”
		Satisfação com a vida passada	3/4	Entrevista 5	“pessoa já agradecida assim por ter vivido”
		Influência da família	2/3	Entrevista 8	“do meu bisavô também e da minha bisavó”
	Habitação	Casa	6/9	Entrevista 8	“acho mais na casa deles”
		ERPI	4/6	Entrevista 4	“melhor sempre perto da família, mas se a família não tem condições ou não tem tempo para estar com eles é melhor ir para um Lar onde cuidem deles”
		Com família	2/2	Entrevista 8	“ficam na casa deles (filhos)”
	Atividades	Vazio	4/5	Entrevista 7	“basicamente fica sentada numa cadeira o dia todo”
		Ler	2/2	Entrevista 6	“lerem jornais”
		Rezar	1/1	Entrevista 5	“que rezam, pois, a juventude deles foi uma juventude bem religiosa”
		Ver TV	4/4	Entrevista 3	“passar a ver televisão”
		Jogar	2/2	Entrevista 3	“ou a brincar”
		Convívio	1/1	Entrevista 1	“cafés e assim, conviver um bocado com outras pessoas”
		Tarefas domésticas	7/15	Entrevista 7	“por isso acho que é mais com as tarefas domésticas”
		Centro Social	1/2	Entrevista 9	“fazem ginástica, eles fazem atividades, ensinam como fazer as coisas, as funcionárias interagem com ele”

	Produtividade	Capacidade	8/17	Entrevista 7	“acho que não são pouco produtivas porque a partir do momento que estás envolvido num ambiente familiar, num ambiente de família, já és produtivo”
		Incapacidade	4/8	Entrevista 1	“mais difícil conseguirem mais produtivas”
		Características pessoais	3/3	Entrevista 9	“As pessoas só são aquilo que são dependendo delas”
	Modificadores	Dificuldades económicas	1/1	Entrevista 1	“não têm grandes reformas”
		Pandemia covid-19	1/1	Entrevista 1	“pandemia”
	Preocupação	Menos preocupações	2/3	Entrevista 1	“menos preocupações”
		Mais preocupações	5/5	Entrevista 4	“Mais preocupadas”
		Equivalente	2/2	Entrevista 3	“Sim, todos tem preocupações, mas diferentes”
		Solidão	1/1	Entrevista 6	“tiverem em casa sozinhos”
		Família	8/14	Entrevista 2	“É mesmo os filhos e os netos.”
		Amigos	1/1	Entrevista 7	“Com os amigos, que eles também têm amigos, acho que é isso”
		Doença	1/1	Entrevista 9	“terem que tomar as medicações”
		Finanças	2/2	Entrevista 6	“preocupação de pagar as contas e caso a reforma não chegue ainda tem essas preocupações”
		Sobrevalorização	3/3	Entrevista 8	“preocupações que para nós achamos que são desnecessárias”

<p>Percepção Sobre os Estereótipos</p> <p><i>“idosos são sábios e que são responsáveis e maduros. Mas tipo, eles podem não ter atingido este nível”</i> (ent.5)</p>	Marginalização	Percebida	7/13	Entrevista 1	“os mais velhos mais velhos, nem os mais novos mais novos, acho que é assim um bocadinho no extremo”
		Não percebida	2/3	Entrevista 8	“não, não são marginalizados”
		Contexto social	7/13	Entrevista 1	“em termos de sociedade, mesmo mundo”
		Contexto familiar	½	Entrevista 3	“filhos não querem saber dos pais ou só querem saber do dinheiro deles, da reforma deles”
		Jovens	4/4	Entrevista 4	“mais os jovens”
		Adultos	1/1	Entrevista 3	“mais pelos adultos”
		Dificuldades de adaptação	1/1	Entrevista 1	“sociedade naquela altura era diferente, as mentalidades eram diferentes, se calhar sentem que vão entender tão bem aquilo que se está a passar neste momento para as nossas idades e as nossas situações”
		Atitudes negativas expressas	2/2	Entrevista 2	“mas há velhotes que às vezes são um bocado asquerosos e fazem uma má impressão da mentalidade antiga deles e as pessoas começam a não querer aceita-los”
		Heterogeneidade	Concordante	9/18	Entrevista 9
	Mentalidade		4/8	Entrevista 2	“De mentalidade, porque quando ele era novo também era assim”
	Experiência de vida		2/2	Entrevista 4	“cada um tem a sua experiência de vida”

	Idadismo	Desconhecimento	9/9	Entrevista 5	“nunca ouvi falar”
		Atitudes idadistas	6/9	Entrevista 4	“as pessoas mais velhas são mais pacatas”
		Outros estereótipos	3/5	Entrevista 2	“Assim do machismo”
		Comportamentos semelhantes	2/2	Entrevista 2	“No meu caso eu falo igual”
		Comportamentos diferentes	6/8	Entrevista 6	“não tenho os mesmos comportamentos com os meus pais do que com os que tenho com os meus avós”
		Comportamentos positivos	3/5	Entrevista 3	“eu sou muito carinhosa e por exemplo com o meu irmão já não”
		Comportamentos negativos	2/5	Entrevista 4	“com pouca paciência”
		Comportamentos de ajuda	1/1	Entrevista 1	“sensibilidade diferente”
		Comportamentos de respeito	3/5	Entrevista 6	“forma diferente de respeitar”
	Forma de comunicar	2/4	Entrevista 8	“acho que vou falar sempre, pelo menos não me lembro de ter falado alguma vez de uma forma mais rigorosa ou intelectual”	
	Fase da Vida	Tristeza	5/6	Entrevista 7	“Porque é triste”
		Solidão	6/8	Entrevista 1	“sempre uma vida mais solitária”
		Felicidade	4/5	Entrevista 2	“ela diz sempre que é a fase mais bela da vida dela”
		Ausência de rede social	5/13	Entrevista 7	“Porque é triste no sentido de ter criado uma família, ter criado netos e tudo e chegar a um certo ponto em que nem há uma visita e acabam por ser abandonados”
		Presença de rede social	3/3	Entrevista 8	“interessa na idade deles são os filhos, passear com eles e mais nada”

		Opção própria	1/1	Entrevista 5	“há pessoas que querem sempre tentar manter contactos e manter as relações e outras que até aceitam e ficam assim”
		Opção da família	6/8	Entrevista 4	“nem a família se importa com eles”
		Presença familiar	4/5	Entrevista 3	“mas se nós estivermos rodeados da nossa família acho que não tem de ser solitária”
Perceção Sobre as Relações Intergeracionais <i>“porque as pessoas não têm tempo nenhum para os idosos”</i> (ent. 2)	Distância Geracional	Presente	9/22	Entrevista 3	“os meus avós são de uma geração, a minha mãe é de outra também e eu sou de outra e temos as nossas diferenças”
		Problemática	1/1	Entrevista 2	“acho que as pessoas agora se querem ver mais livres e só pensam nelas”
		Mentalidade	4/4	Entrevista 6	“também o pensamento, porque o pensamento de agora dos jovens, por exemplo, em relação à homossexualidade, é diferente de alguns pensamentos de alguns idosos, porque ainda tem as mentes retrógradas como antigamente”

		Grupo geracional	5/7	Entrevista 9	“Acho que existe um bocado, porque acho que há gerações mais novas que acabam por dizer ‘eles, os idosos já não fazem isso, já não fazem aquilo’”
		Avanço tecnológico	3/7	Entrevista 1	“houve vários avanços e foi de diferentes gerações, diferentes vidas”
		Pandemia	1/2	Entrevista 2	“perdeu a avó por causa do Covid e ela disse-me que já não via a avó desde a Pascoa passada”
		Benefícios	3/6	Entrevista 3	“partilha de conhecimento aproxima-nos”